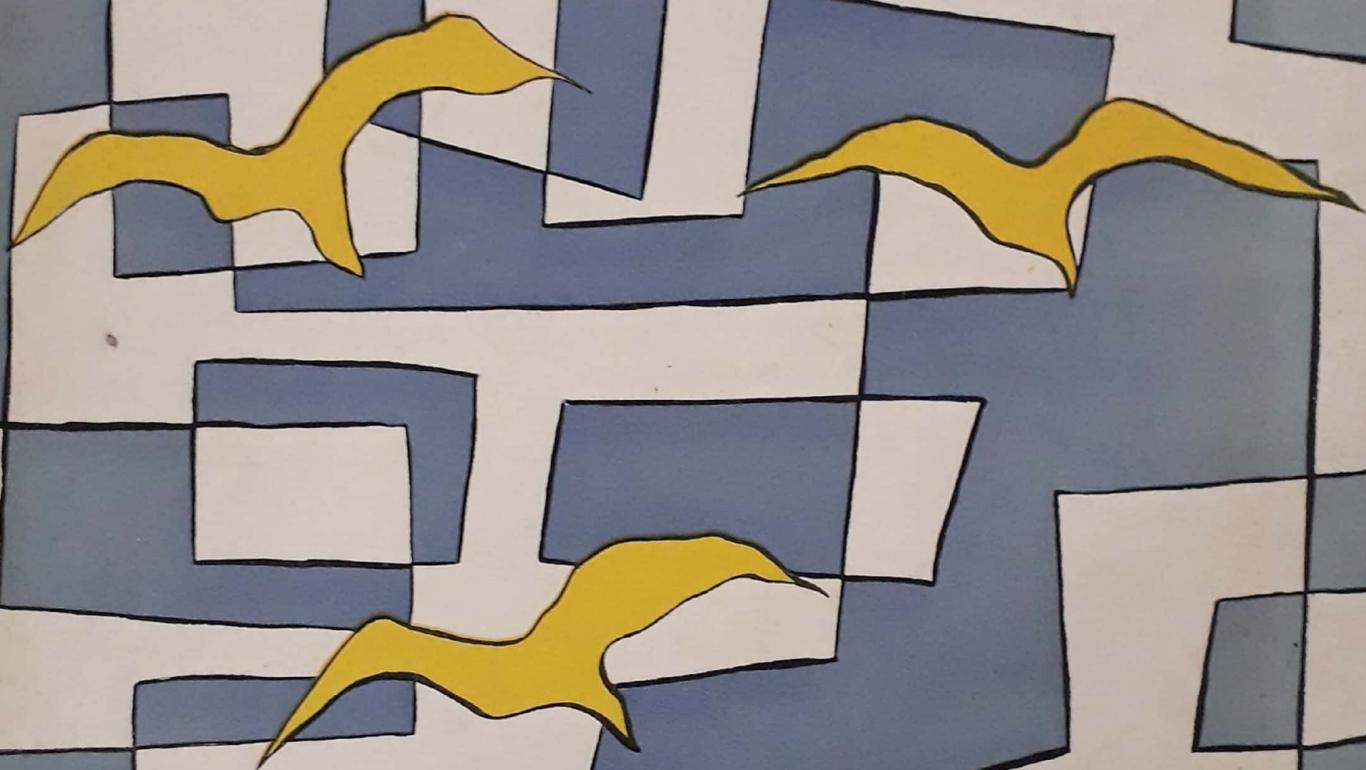


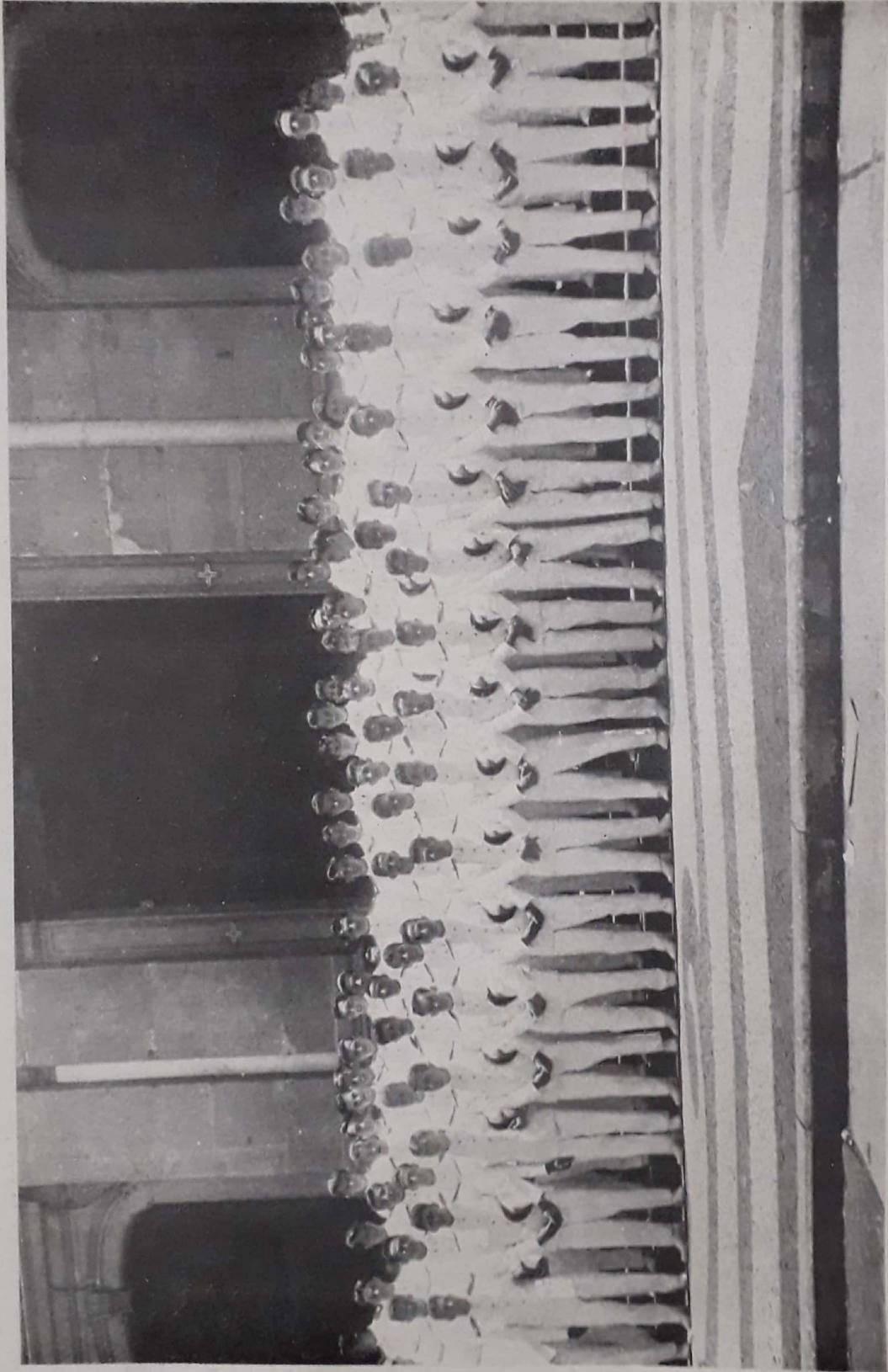
FRAGATA



revista
dos alunos
do
Colégio Naval

1961

ação de graças



CAPA: Trabalho vencedor do Concurso de capas, apresentado pelo aluno GILBERTO

JOVEM!

O BRASIL PRECISA DE TI!

Serve-o integrando o Corpo de Oficiais da tua Marinha de Guerra!

Eis os caminhos que te levarão a integrar o Oficialato de tua gloriosa Marinha de Guerra:

- I — Se tens o curso ginásial completo ou equivalente e no máximo 19 anos de idade, escreve logo para o **COLÉGIO NAVAL**, Departamento de Ensino, Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro.



Para o Colégio Naval, os candidatos se submetem a um exame de admissão, constante das seguintes matérias: Português, Matemática, Francês e Inglês, Geografia e História do Brasil, além de inspeção de saúde e exame de aptidão vocacional;

- II — Tendo o curso científico completo ou equivalente e no máximo 23 anos de idade, escreve então para a **ESCOLA NAVAL**, Ilha de Villegagnon, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. Neste caso, o exame de admissão compreende as seguintes provas: Português, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Física e Química, além de inspeção de saúde e exame de aptidão vocacional.

“OS POVOS SÃO E FORTES, AS NAÇÕES MASCULAS E LIVRES AMAM AS SUAS ESQUADRAS A IMAGEM DA SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA”.

Ruy Barbosa
“Cartas de Inglaterra”



Fragata 2

Que senão curioso o do entardecer das almas.

Foge-nos o espirito, a sensibilidade, e quanta coisa há que povoa êstes loucos corações moços. Resta-nos então, o burburinho de alguma coisa esquecida, desta porção de coisas insignificantes, que tôdas juntas formam a mocidade.

Foi assim que ela veio chegando, de mansinho, deslizando na superfície dos pensamentos, das recordações, com uma infinita expressão de simplicidade; pedra preciosa entre tanta coisa boa.

FRAGATA é assim. Caminha sempre, sem parar, com a vontade louca de deixar alguma coisa, ainda que não seja muita, em seu caminho. Ela nunca foi de ninguém. Nem mesmo ficou adstrita a êstes mares risonhos. Não, ela foi muito além, galgou montanhas, transpôs o espaço, eletrizou os corações. Que de mais importante que os nossos mares interiores? Que de mais importante para os que venceram, senão a recordação das lutas?

Embalada pelos impetuosos ventos do ideal, ei-la a arrancar dos paredões, e das matas, dêste verde tão verde, das pedras frias, os sonhos eternos, os murmúrios tristonhos do entardecer.

Ei-la a levar conosco, por esta vida afora, um cheiro esquisito de terra, desta terra onde deixamos um pouco de saudade, um pouco de nós mesmos, nós que a tripulamos.

Vai FRAGATA embalar os sonhos de outras tantas juventudes. Nós já te conhecemos bastante, não sejas tão mesquinha a negar as belezas de teus céus, não queiras espairecer as vistas, conta sômente como fôste tripulada.

O REDATOR - CHEFE



reportagem de

A. LEONARDO A. MOURA DA COSTA

TORPEDO

AMEAÇA SUBMARINA

A nossa redação agradece a colaboração prestada à reportagem, pela Fábrica de Torpedos da Marinha, que, fornecendo dados, informações e fotografias, tornou possível a confecção da mesma.

Nas duas maiores batalhas navais da antiguidade, muito concorreram para as vitórias de Temístocles e Otávio os brulotes carregados com substâncias inflamáveis que, levados a reboque ou impelidos pela correnteza, destruíam os navios inimigos pelo fogo. Esses brulotes foram os precursores dos torpedos que, com o aparecimento da pólvora em 1312, foram se aperfeiçoando e aumentando o seu poder destrutivo, aperfeiçoamento este que se prolongou através dos tempos, até que em 1866 o oficial austriaco Luppis, associado à White-Head, construiu o primeiro torpedo com propulsão própria. Este possuía um alcance de 700 jardas, sendo sua carga explosiva de apenas oito quilogramas. O torpedo que, até então, nada mais era senão uma mina convencional, sendo levado diretamente ao costado inimigo, começou a caminhar como uma nova arma, aumentando sempre, mais e mais, o seu poderio bélico.

O torpedo consiste essencialmente de uma carcassa cilíndrica de aço, dentro da qual se alojam todos os seus órgãos, os quais em essência são: órgãos ofensivos, órgãos propulsores, órgãos reguladores de imersão, órgãos reguladores de direção e órgãos auxiliares. São distribuídos por diversos compartimentos internos, compartimentos estes que são instalados em quatro seções:

Reservatório de ar — localizado logo após a cabeça, destina-se a armazenar o ar comprimido, que é o elemento vital para o funcionamento de diversos órgãos do torpedo, devido à sua alta pressão (197 kg/cm²).

Órgão propulsores — dois são os tipos de propulsão empregados nos torpedos modernos: a propulsão elétrica proveniente de uma bateria de acumuladores, e a propulsão que emprega uma mistura de gases cujo principal agente é o ar comprimido. A velocidade dos torpedos que usam o primeiro processo varia entre 27 a 46 milhas. O torpedo BL-2 de uso quase generalizado no Brasil, utiliza o ar comprimido como principal agente.

Tanque de combustível — geralmente utiliza-se o álcool.

Cone de ré — onde estão localizados os órgãos reguladores de direção, imersão e a máquina motora. O aparelho regulador de direção consta principalmente do giroscópio, que se destina a mantê-lo, durante toda a corrida, no curso previamente estabelecido. O aparelho regulador de imersão tem por fim levar o torpedo ao plano

TORPEDO

de imersão escolhido o mais rapidamente possível depois do lançamento, mantendo-o em posição horizontal, por intermédio dos lemes de profundidade. É constituído pelo prato hidrostático e por um pêndulo. O prato hidrostático é a parte que, recebendo os efeitos da pressão da água do mar, vai comandar os lemes horizontais toda vez que o torpedo estiver em profundidade diferente da que foi ajustada. O pêndulo modera a ação do prato quando o torpedo se aproxima do plano de imersão, como se quisesse a guinada.

Máquina motora — a turbina surge com os torpedos Bliss, apresentando grandes vantagens com relação à peso, facilidade de construção e montagem, etc, embora o seu rendimento não seja superior aos dos torpedos de máquinas radiais. Ela compõe-se de dois discos, que giram com uma velocidade de cerca de 8.500 rotações por minuto; é porém reduzida para cerca de 875 rotações por minuto, que é a velocidade de rotação das hélices.

Cauda — onde se alojam as hélices e os lemes.

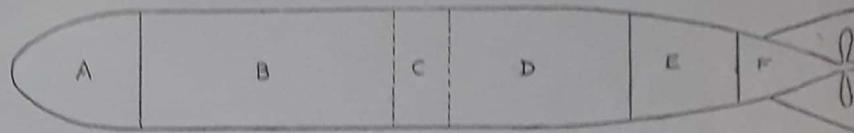
O torpedo, arma complexa, que emprega em sua construção mais de 5.000 peças de mais de 1.500 diferentes tipos, pode ser lançado por submarinos, navios de superfície, lanchas torpedeiras e aviões.

No Brasil a indústria dos torpedos ainda dá os primeiros passos, com a Fábrica de Torpedos da Marinha, fundada em 1940 com o nome de Comissão de Estudos de Torpedos, recebendo em 1947 a atual denominação, luta com todas as dificuldades dos novos empreendimentos, especialmente por possuir apenas um terço do pessoal necessário.

Ao visitarmos a F.T.M., fomos recebidos pelo seu Chefe do Departamento de Administração, o Capitão de Fragata Max H. A. Domingues, e pelo oficial encarregado da montagem do torpedo, Tenente Mourão, que nos mostraram diversas oficinas. No momento construímos apenas o torpedo MK-15-Mod 3, de origem americana, porém no futuro iniciaremos a construção do torpedo acústico.

O primeiro torpedo inteiramente construído no Brasil foi lançado ao mar com resultados altamente satisfatórios em 1954, performance esta, que vem se repetindo nos lançamentos posteriores.

Para finalizar, devemos dizer, a fim de mostrarmos a importância desta arma, que, na II Guerra Mundial, foram afundados mais navios por torpedos de que por outras armas.



- 1) cabeça de combate (A);
- 2) reservatório de ar (B);
compartimento de água (C);
tanque de combustível (D)
- 3) cone de ré (E);
- 4) cauda (F).

Todos os compartimentos são separados por anteparas estanques. Daremos agora uma ligeira idéia sobre os compartimentos acima mencionados.

Cabeça de Combate — é o invólucro de aço onde estão localizados o explosivo (A) e o aparelho de disparo. O explosivo de uso generalizado é o trotil, não só pelas suas propriedades destrutivas, mas também pela segurança que apresenta. A sua quantidade varia entre 150 e 350 kg. Ele não ocupa totalmente a cabeça, ficando um espaço de ar (B) entre a carga e a tampa, a fim de fornecer melhor estabilidade ao torpedo. Estão localizados ainda na cabeça a carga escorva (C) e os lastros de chumbo (E).

O aparelho de disparo, como o próprio nome o indica, destina-se a provocar a explosão ao entrar o torpedo em contato com o alvo, sendo que os mais modernos são dotados de elementos elétricos, que agem de modo a provocar a explosão quando o torpedo entrar no campo magnético do alvo.

Os torpedos são construídos atualmente com flutuabilidade negativa, isto é, vão a pique caso o alvo não seja atingido.

Existem ainda as cabeças especiais para exercícios, em que a carga explosiva é substituída por água salgada ou água doce, e possuindo um oihal que facilita o seu recolhimento após o exercício.



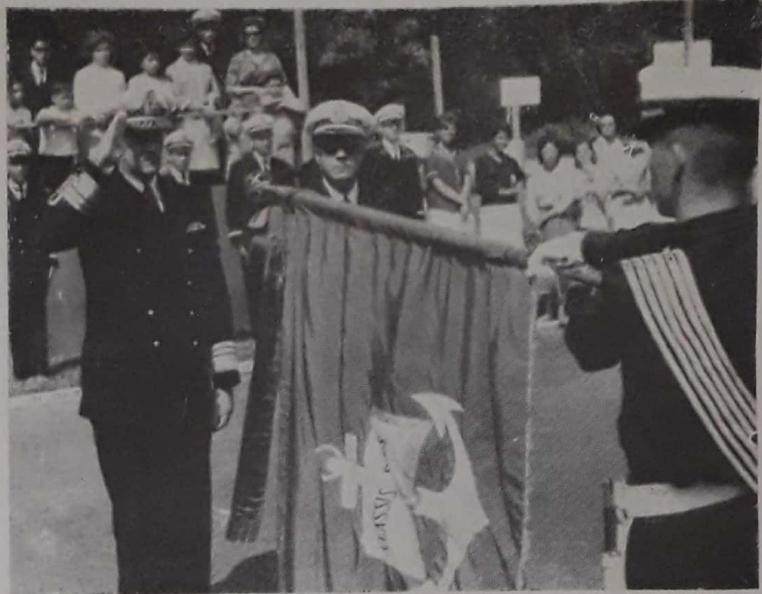


Fragata 6

A última espia que prendia o Pirapiá à ponte foi solta. Lentamente o caça-submarino afastou-se e, já no meio da enseada, guinou para boreste, aprouando rumo à barra da baía da Ilha Grande. Levava em seu bôjo a delegação de aspirantes que conosco saudaram o décimo aniversário do Colégio Naval. Foram as derradeiras despedidas. Retornamos ao pátio interno, agora vazio, mas ostentando os vestígios dos dias de festa que hoje, quinze de agosto de mil novecentos e sessenta e um, tiveram seu clímax.

Sábado, doze de agosto, o Capitão de Mar-e-Guerra Mário Geraldo Ferreira Braga, nosso Diretor, declarou abertos os festejos de aniversário. Uma partida de futebol iniciou a série de disputas esportivas entre o CN e o Colégio Salesiano Santa Rosa, de Niterói. Em tôdas as competições nossas equipes saíram vencedoras, acrescentando aos inúmeros troféus conquistados nos anos anteriores a taça "10.º Aniversário do Colégio Naval".

A "Exposição do 10.º Aniversário" era o acontecimento singular dos festejos, já que nos últimos anos nenhuma iniciativa desta natureza fôra levada a efeito. Procuramos mostrar aos visitantes nes-



O estandarte do Colégio Naval é condecorado com a Ordem do Mérito Naval, em grau de Comendador.

DÉCIMO ANIVERSÁRIO

texto de

ADILSON RODRIGUES DA SILVA

S. Exa., o Almirante Furtado de Mendonça passando em revista o Corpo de Alunos



ta oportunidade, tudo que se relacionasse com nossa vida no Colégio e o papel que desempenharemos no futuro dentro da Marinha. Interessantes "stands" foram organizados, caracterizados pelas diversas atividades: aviação embarcada, CFN, Instituto de Pesquisas, grupo de caça e destruição e, culminando, a nossa vida no CN. Inaugurada pelo Vice-Almirante Mário Costa Furtado de Mendonça no sábado, esteve aberta à visitação até terça-feira.

À noite, no salão sóbrio e elegantemente iluminado do refeitório, recebemos a oficialidade e convidados no já tradicional baile de aniversário. O pátio perdera o aspecto austero dos dias de aula: as amendoeiras, confundidas na profusa iluminação multicolor, abrigavam sob as grandes fôlhas os convidados que trocavam a animação do salão pelo bonito panorama da noite angrense. Lá dentro um acordeão embalava com suas notas harmoniosas os alegres dançarinos. À meia-noite a orquestra interrompeu as danças e todos fizeram côro ao "parabéns para o CN". Mais algumas horas e o baile chegava ao fim, deixando saudades e histórias.

No domingo pela manhã, a Taperinha, bairro dos oficiais, vestiu-se em trajes de festa para ver realizar o sonho de há muito: a inauguração de sua capela. Solene missa iniciou as atividades religiosas do singular templo ao ar livre. O restante do dia foi ocupado em disputas esportivas: vôlei e futebol de salão. Novas vitórias do Naval, sempre incentivado pela nossa incansável torcida.

Eis que chega a ansiosamente esperada Ginkana, competição mais movimentada e alegre dos festejos. Na linha de partida alinham-se os casais, alu-

DÉCIMO ANIVERSÁRIO



Pinheiro prepara-se para, em seguida, dar uma formidável cortada. Ponto para o CN.



A turma de vôlei, e o CT Matta, seu treinador.



Fragata 8

nos do CN e alunas do Liceu Nilo Peçanha de Niterói, em jovial confraternização. Inicia-se a emocionante prova. Corrida de três pernas, subida ao cabo, quebra das meringas, remo em canadense e disputa da corrida de bicicletas, foram alguns dos vários obstáculos que brilhantemente os contendores transpuseram. Chegam os vencedores, aplaudidos pela numerosa assistência: Frederico e Maria Aparecida, ofegantes, mas sorridentes. Vamos ao ginásio assistir agora à última disputa Naval x Salesiano, um animado jogo de basquete que terminou com o escore de 54 x 19 para o CN. Formadas as equipes no centro da quadra, foram entregues as medalhas aos vencedores e o Almirante Furtado de Mendonça transferiu às mãos do Comandante Passos o troféu conquistado, discursando a seguir. Foi breve mas vibrante orador, elogiando os vencidos pelo espírito de luta e galhardia na derrota e cumprimentando seus alunos, êle que fôra o primeiro Diretor do Colégio Naval, por mais esta jornada vitoriosa. Ao som dos hinos dos dois colégios encerrou-se a cerimônia.

A tarde de segunda-feira reservava agradável surpresa aos convivas: um passeio nos Contra-torpedeiros do 2.º Esquadrão, comandados pelo Capitão de Mar-e-Guerra Dantas Tôres, pelas proximidades da ilha Grande. Aspecto festivo ganharam os navios, graças às novas côres emprestadas pelos visitantes. Divertida oportunidade de nossos amigos e parentes conhecerem detalhes da vida embarcada e da carreira que confiantes abraçamos. Após pequeno cruzeiro pela baía, os convidados ainda imbuídos do espírito marinho, foram recepcionados no "Coqueiro", clube dos oficiais, com concorrido coquetel.

Quinze de agosto. Há dez anos passados a velha Escola de Grumetes Baptista das Neves cedia suas instalações ao Colégio Naval, dando à Marinha e ao Brasil a escola preparatória que saberia honrar as tradições navais. E hoje aqui estávamos, alunos de ontem e alunos de agora, na comemoração desta efeméride. Pela manhã, ao término da missa campal, os pára-quadistas da Companhia de Reconhecimento do Núcleo da 1.ª Divisão de Fuzileiros Navais apresentaram-nos com a pericia e audácia dos saltos. Espetáculo a parte, num sugestivo presente de aniversário. Chega enfim o momento culminante, quando, prestando nossa homenagem à data, desfilaríamos em continência às autoridades.

O desfile foi o ponto alto das comemorações, dêle participando alunos, aspirantes e a força de desembarque do 2.º Esquadrão. O Comandante do 1.º Distrito Naval e representante do Ministro da Marinha, Almirante Furtado de Mendonça, após passar em revista à tropa formada em sua honra, condecorou o estandarte do Colégio Naval, com a medalha da Ordem do Mérito Naval, no grau de Comendador. Criada para premiar todos os militares, corporações e, excepcionalmente, a civis, por serviços relevantes prestados à Marinha de Guerra Bra-



- Na foto de cima Felizardo, em espetacular salto, tira a bola das mãos adversárias. Na foto de baixo, vemos a nossa equipe de basquete e seu instrutor CT Alão.

DÉCIMO ANIVERSÁRIO



Equipe de futebol do Colégio Salesiano.

Na ginkana, sobe quem chega primeiro.



O nosso diretor, CMG Mário Geraldo Ferreira Braga, entre os nossos atletas que seguram a taça "Décimo Aniversário".



O Almirante Furtado de Mendonça, momentos antes de fazer a entrega do troféu.

Perco-me a olhar o céu, pedaço de azul entremeado de flocos brancos; retângulo acanhado de minha janela entreaberta. Esqueço-me desta vida e estaciono o curso de minhas preocupações; deixo o pensamento vagando e olho com curiosidade infantil as nuvens que brincam de desenhar.

É o céu de minha terra — é diferente. Não sei a que atribuir êste amor, êste carinho que o coração sente por aquilo que nos viu nascer. Ainda hoje é a mesma paisagem; já um pouco recortada de arranhar-céus, mas com aquelas mesmas árvores, aquelas mesmas mangueiras, as mesmas serras que me cercaram por mais de uma dezena de anos. Aqui o sol parece mais quente e o frio estimulante. Aqui, no recesso do lar materno, esquecidas as vicissitudes, somos todos irmãos; a miséria até parece suavizar-se um pouco ante a imponência desta cidade.

Não se pode ser sério, quando se tem dezessete anos. Ah! o poeta por certo não conheceu êste lugar, não brincou nesta terra úmida do frescor da madrugada, não falou com êste povo simples, mas cativante.

E, no entanto, tenho de abandoná-la. São os compromissos, êstes carrascos que nos prendem com algemas de aço, e nos tampam a bôca com fogo de sua importância. Quem dera que o homem fôsse inteiramente livre, que jogasse por terra preconceitos, escrúpulos, regras, e fôsse se sentar sozinho à beira do riacho, e visse a água deslizar serena para o mar.

Lanço então um último e demorado olhar sôbre as coisas familiares. É como se tentasse apreender por mais tempo e gravar na memória um pouco de minha própria vida. Pois cada uma destas insignificâncias encerra alguma recordação da infância; é um desenrolar interminável de pequeninas saudades.

Devo partir. Quero olhar o céu, e não há mais céu. Corro então, ávido, quero abraçar-me com a velha mangueira e mangueiras já não há, nem velhas nem novas. "É o progresso que já não permite sentimentalismos inúteis" — disseram-me.

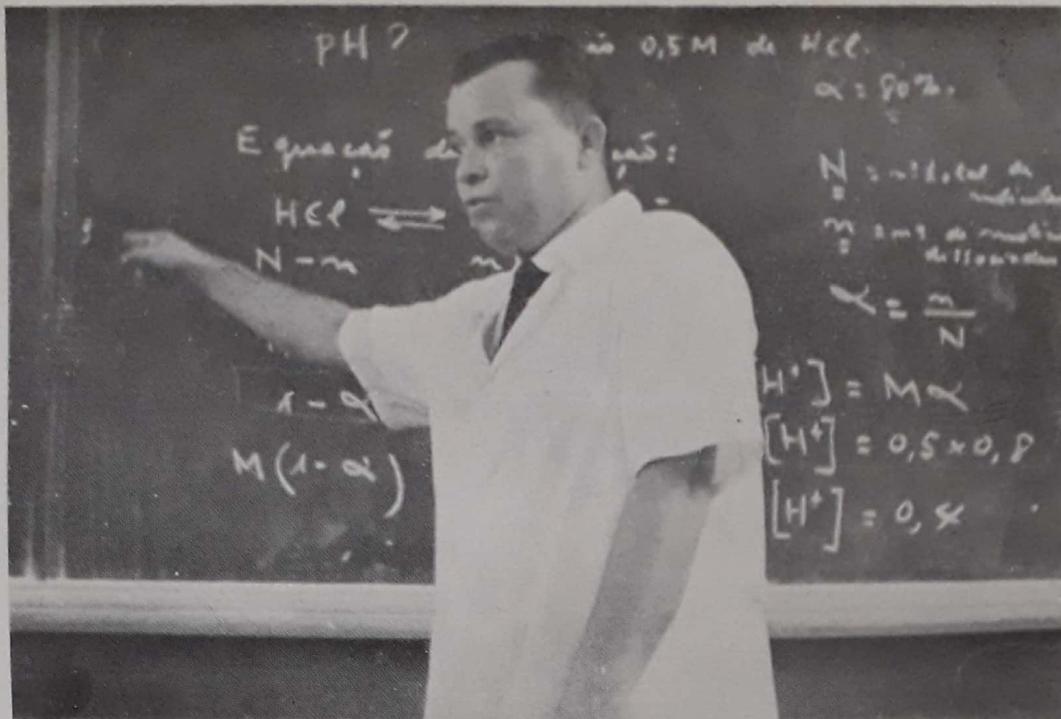
Posso ainda evitar a partida, posso voltar e dizer aos amigos: "Meus caros, voltei, esqueci algo, não vou mais, bebamos à saúde daquele que soube enganar o destino". Entretanto, nada digo, nada sinto; atravesso uma borboleta, cumprimento olhos míopes, curvo-me e sento-me. O trem apita.

E se faz uma calma, uma infinita tristeza, uma alegre e tímida esperança.

ao regresso

DIAS, VIEIRA





Último contato com a química. Sempre há tempo para mais um problema.

um tipo inesquecível

por
MANOEL LUIZ CARNEIRO BUSNARDO

“Um dia eu parei na estrada da vida, e olhei para trás.

Foi um instante tão pequeno, que eu não pude divisar direito, nem sentir o cheiro da poeira seca eu pude. Mas lá bem longe, com um eterno sorriso nos lábios, cabelos revoltos, eu vi o professor.

Que coisa estranha era êle. Me pareceu tão velho, tão cansado sôbre as pernas trôpegas, cismando.

Olhava firme, parecendo me enxergar e eu era tão diferente; quantas gerações não passaram por suas mãos. Mãos delicadas, sem tremores, conscientes.

E eu fui andando, foram-me amadurecendo os pensamentos, fui chegando à fase boa da vida: esta alegre mocidade”.

.....

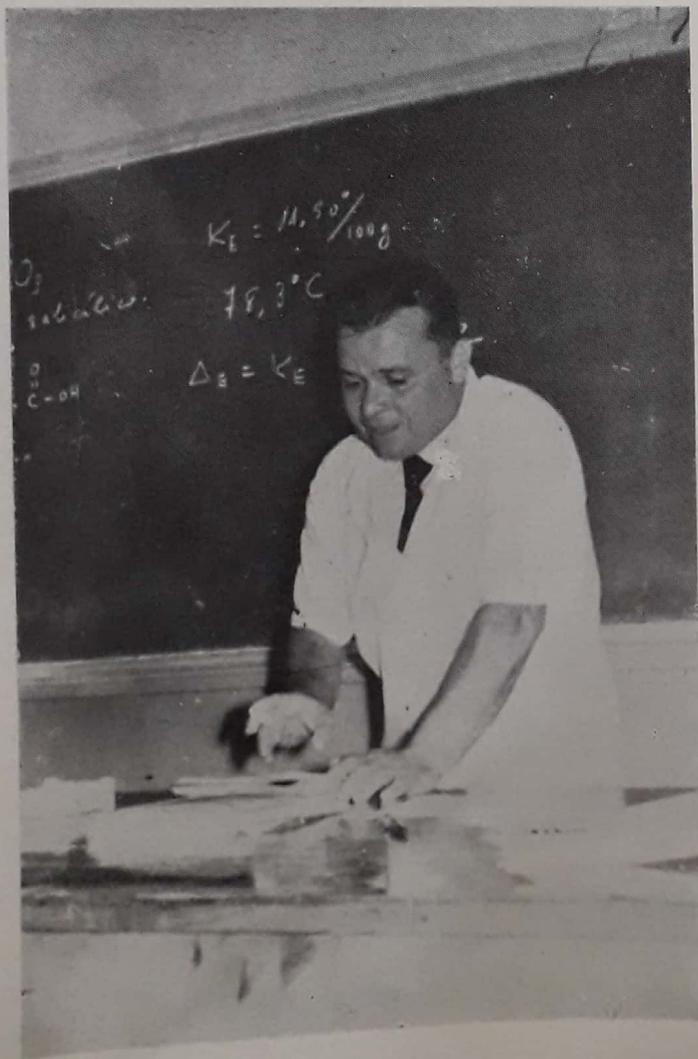
Quem na sua vida de estudante não tem uma recordação qualquer que lhe seja grata?

Quantas coisas, pequeninas às vêzes, vão passando ao subconsciente, vão criando o filtro da saudade. Recordadas com prazer, quem nestes dois anos de CN não conseguiu uma?

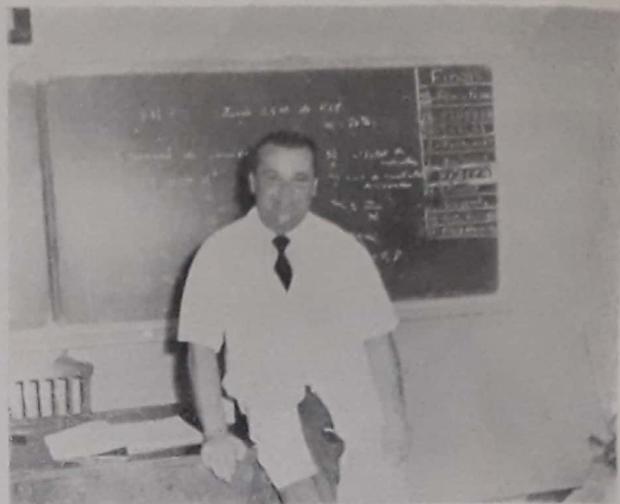
Vindos das mais diferentes partes, chegamos aqui temerosos do desconhecido, da figura já tão nossa conhecida: o professor. Na fase difícil da adaptação, foi na sala de aula que encontramos maior compreensão e nos libertamos das fantasmagóricas conjecturas sôbre o magistério.

O professor RENATO LEITE é uma de nossas recordações, das mais gratas, conquistada através de dois anos de intensa convivência. Foi-nos ministrando química, com uma simplicidade que nos cativou desde o início. Foram-se enriquecendo nossos "alfarâmbios", tornando-os complexos compostos de carbono "ao alcance das mais parcas inteli-

Em seu "caderno de coisas" vão-se acumulando idéias para a prova final.



Fragata 12



Riso franco de professor e amigo.

Fotos:

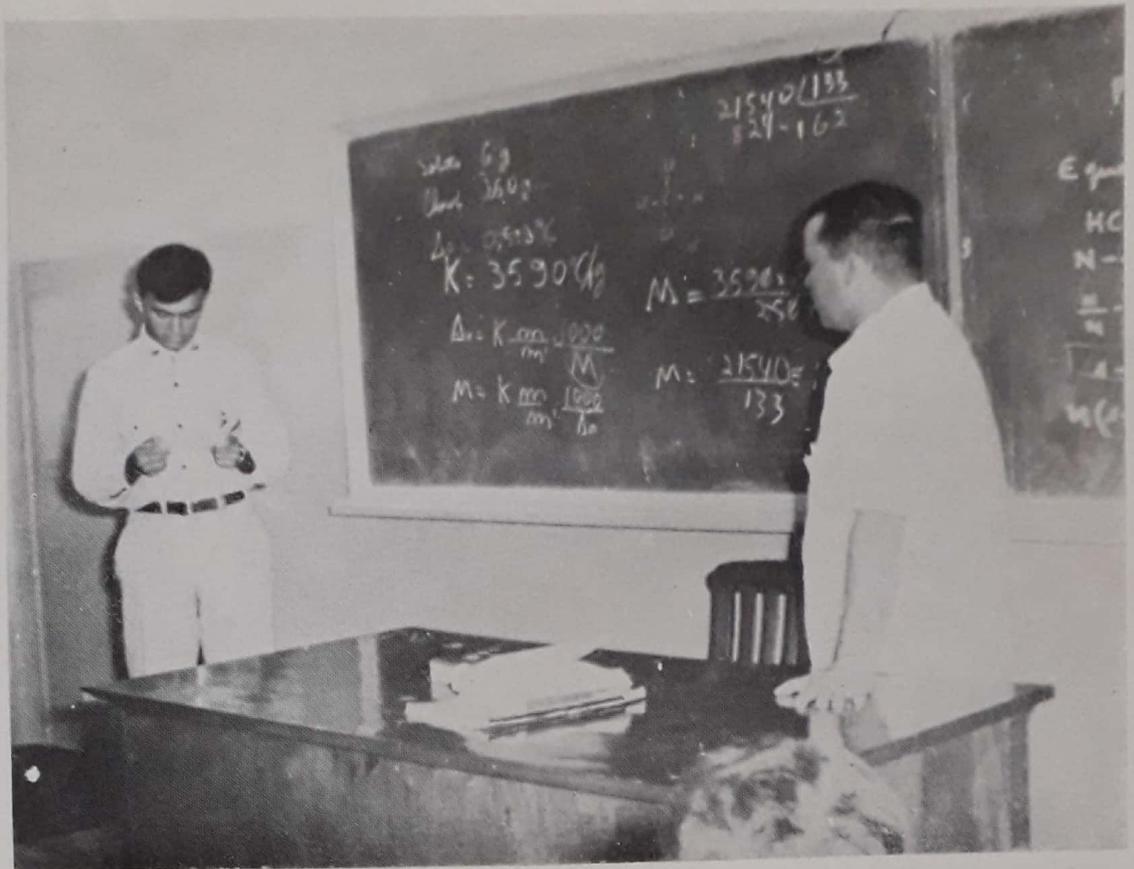
CHADDAD

gências de algebeira". O professor Renato sabe muito bem temperar suas aulas com um pouco de humor, sem se deixar levar pelo maior euforismo de quem o assiste.

Somos jovens demais para julgar os outros. Não fôsse isso e compreenderíamos toda a extensão da pedagogia do professor de química, quantas vêzes mal compreendida, mas muitíssimas mais vêzes admirada.

Foram horas longas, duas vêzes por semana, riso franco estampado nos lábios, simpatia irradiando desta figura amiga.

Nós partimos, seguindo o roteiro que o destino generoso nos traçou. O senhor, professor RENATO, ainda permanecerá por estes recantos, forjando novos caracteres, conquistando novas amizades. Muitas felicidades é o que lhe desejamos.



Oliveira discursa. Hora das despedidas. Saudades em todos os corações.



Agradecimento comovido.

UM TIPO INESQUECÍVEL



PEPE, O PESCADOR DE AVENTURAS

HIRAN PINTO DAVID

Seus lábios estavam, já de muito, entortados pelo uso constante do cachimbo. Alguns fios, alvos como espumas, cobriam-lhe a cabeça esturricada pelo sol, esparramando-se desordenadamente com os ventos de viração. De pé na proa do "Aventuras", pequeno barco à vela, mais parecia o próprio Netuno, tal o ar de posse e domínio que irradiava sua face, tal a coragem que o distinguia dos demais pescadores da vila. À noitinha, entre longas baforadas de fumaça, e ensombreado pela beleza pálida do crepúsculo, descrevia suas pescarias de outrora aos que se reuniam ao pé da fogueira para ouvi-lo. E a todos deslumbrava, tornando-os ansiosos de se aventurarem no mar, pois só este lhes proporcionaria tantas emoções desconhecidas.

A noite cai mansamente... Corro à fogueira, esperançoso de ouvir mais uma história. Mas, que é de Pepe? Por que há tristeza nos olhos dos que o ouviam e respeitavam ao calor do fogo?

Foi durante uma ressaca... As ondas castigavam as praias num barulho ensurdecedor; ora batiam e estouravam e rugiam, ora recuavam ameaçadoramente, fazendo tremer até mesmo o luar, que dançava nas espumas revôltas. Era um desafio aos pescadores assustados... Quem se atreveria a combater o mar enraivecido? Súbitamente, ao largo, o "Aventuras" que bailava nas águas enfurecidas! E da proa, Pepe acenou-lhes num gesto confiante: ele aceitara o duelo!

Homem e mar se lançaram, então, em luta feroz. O "Aventuras" adernava perigosamente, guiado pelos braços fortes do velho pescador. Porém, um baque surdo fez-se ouvir, seguido de gritos apavorados daqueles presentes à cena tão brutal... E tudo serenou como por encanto, continuando o mar seu lento vaivém eterno.

Na manhã seguinte, os destroços foram ter à praia. De Pepe, nada mais se soube, e dele nada restou. Nem o cachimbo que pitava, quando alisam as depressões das praias.

Porém, eu chorarei por ele, sempre, pois já começo a sentir falta daquele velhinho corajoso que, acima de tudo, era meu amado pai!

VELAS E VELEIROS

REGATA RIO - COLÉGIO NAVAL

reportagem de MUNIZ



Após a dureza no mar, um merecido descanso nas águas plácidas da nossa enseada.

Quando na madrugada do dia 30 de abril, avistou-se no horizonte uma tímida vela branca, contornando suavemente os rasgados da Ilha Francisca, estava encerrada a VI Regata Rio-Naval, uma das mais importantes do calendário guanabarinense.

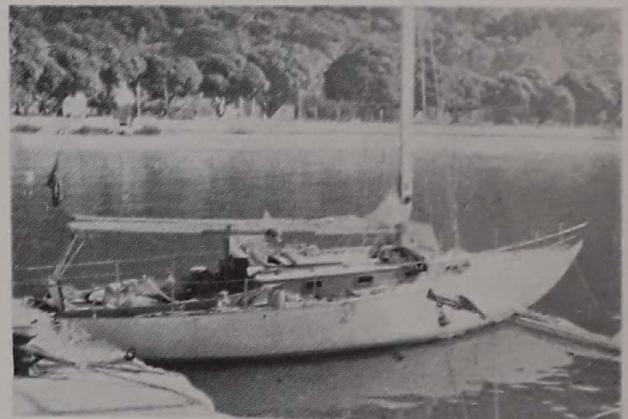
Foi êste ano, cercada de expectativa e interêsse, uma regata de grande penetração nos setores do esporte, e que contou com expressivos nomes da vela carioca.

Com um percurso de noventa milhas, dando assim largas possibilidades a todos os participantes, foi realizada sob os auspícios da Associação Brasileira de Veleiros de Oceano.

Os veleiros partiram na noite do dia 28, com bastante falta de vento e forte maré, que dificultavam o curso das embarcações. Entretanto, muitas foram as emoções ao largo do litoral fluminense, e bastante disputado o primeiro lugar.

Foi "Cangrejo" o primeiro a transpor a linha demarcatória da chegada, sendo imediatamente seguido por "Boa Sorte II", que também concorria à "fita azul". Mais tarde chegaram agrupados três da classe Brasil, o "Kincaid", "Procelária" e "Simbad". Pela manhã entraram ainda o "Mistral", "Cangaço", "Angica III" e "Clipper". E interessante notar-se que o "Boa Sorte I" viu-se obrigado a abandonar a regata devido a uma avaria no estai de pópa.

À tarde realizou-se no Colégio Naval a entrega dos prêmios, após um apreciado churrasco oferecido pelo Sr. Diretor.



Proa no rumo, para mais uma jornada no oceano nem sempre calmo.





Aquêlê dia estava tão triste, que até as árvores se achavam sem côr e choravam quando o vento passava silvando por entre suas folhagens.

E as fôlhas caíam e eram levadas para a praia.

Dali a instantes, até a praia compartilhava da tristeza de tudo. Tão branca e alegre, agora estava cinza e tristonha.

O vento chorava e as vagas também.

Então êle chorou. Chorou muito, muito. Seus olhos ficaram como postas de sangue.

Sentado na areia, todos os fatos vieram à sua mente e êle se lembrou:

.....
Três anos atrás, Vinícius largava sua linda "Maybele", para ir, injustiçado, cumprir pena de quatro anos de prisão, por roubo que, absolutamente, não cometera.

Os amigos, a família e até mesmo a espôsa o repudiaram — era ladrão e para as grades com os ladrões!

Foi sôlto após metade da pena.

Por seis meses inteiros quebrou a cabeça. Ninguém queria seus serviços, nem como môço de bor-

TORTOR

SÉRGIO PORTO DA LUZ

do, e êle, que já gritara, orgulhosamente, as manobras jáceis da "Maybele" pelos portos do mundo?

Ah! que maldita sorte perseguia-o então.

A fome — até fome sentiu, e sentiu muito frio e se humilhou por qualquer coisa. Era um cancro sangrento e pegajoso, tão nojento que até os cães vadios tinham pena dêle.

Ele rezou. Rezou muito. Apegou-se ao espírito porque nem corpo tinha mais para se suster.

Chorava muito. E, quando chorava, seus olhos ardiam e êle tinha que fechá-los.

Então dormia e sonhava com a ponte da "Maybele", com o barulho das máquinas, com a proa cor-

tando ligeira as ondas altas e baixas, longas e curtas, ondas tão belas dos dias de sol.

Mas sua maré encheu-se de nóvo.

Encontrou um amigo que o reconheceu e tomou por fé tirá-lo daquela situação. Recuperou-se. Arranjaram-lhe um emprêgo e, daí a pouco, deram-lhe um navio.

Era pequeno, é verdade, sujo e bem velhinho. Era um barco quêdo e antiquado, mas, para Vinicius, o "Tortor" era o mais belo transatlântico que poderia haver em todo o mundo.

Esqueceu-se da "Maybelz". Empregava-se a fundo no seu dever.

O "Tortor" fazia cabotagem entre São Luís e Luís Corrêa. Trazia a juta do Maranhão e levava os laticínios da vertente de Maracaju.

O mar ali sempre fôra calmo, uma ou outra perturbação ocorria de tempos em tempos.

Vinicius manobrava orgulhoso e feliz o "Tortor" pelas águas quentes daquela região do Equador.

Deu a ordem e ouviu o barulho: o barco estava desgobernado.

As horas angustiosas que êle e seus doze homens passaram daí em diante, são incríveis e indescritíveis.

A corrente levava-os mais e mais para longe das costas do Brasil e o eixo funcionando de nada lhes adiantava.

Foi um suplicio. O rádio maldito que não funcionava, homens nervosos orando aos céus e àquela noite, escura, ficando mais escura ainda.

Um risco no espaço — um raio vinha chispando anunciar tempestade.

Tudo acontecia tão rápido, que nem se tinha tempo para pensar direito.

Depois veio o choque — um choque terrível que fêz o "Tortor" entrar por dentro de si mesmo.

E treze homens gritando caíram n'água.

E o "Tortor" foi descansar no fundo do oceano.



Mas, numa dessas viagens, e aquela viagem já começara azarada porque o rádio quebrara, quando ia para São Luís, o eixo direito começou a esquentar. O "Tortor" navegava então só com o hélice esquerdo e o leme era guinado a bombordo para correção do rumo. A velocidade caiu muito. O "Tortor", agora, jogava exageradamente, devido ao pequeno seguimento.

Já escurecia, quando o marujo que guardava o leme notou que o barco saíra do rumo. O tirante de boreste afrouxara e o leme caíra mais para bombordo.

O "Tortor", nesse tempo, caminhava já sôbre a Corrente do Brasil, que vai formar nas Antilhas a Corrente do Gólfo.

Vinicius analisou a situação. Tentou mais uma vez acionar o eixo de boreste, mas êste não virou.

Sobrou-lhe, então, a única alternativa do leme cujo tirante já estava fraco e, agora, havia a corrente para tensioná-lo ainda mais.

Mas os homens não tinham onde descansar.

Nem o recife maldoso que os torpedeara poderia lhes servir de amparo, pois estava a alguns metros da superfície.

O escuro, a água, por baixo e por cima, e o vento feroz faziam tremer a todos os infelizes.

Vinicius conseguiu um cascalho, um jirau, uma tábua, para se agarrar.

E dormiu agarrado àquela madeira e deixou-se levar pelas ondas e pelo vento.

Quando deu por si, estava numa praia triste, com um vento triste em um dia triste.

Vinicius se sentou na areia e chorou, chorou muito. Chorou tanto, que seus olhos ficaram como postas de sangue.

Sentado na areia todos os fatos vieram à sua mente e êle se lembrou de tudo, de tôdas as coisas.

Depois, chorou novamente.



ONZE DE JUNHO

● Reportagem de
GILBERTO

● Fotos de
CHADDAD

Em cumprimento às festividades programadas para o 11 de Junho, data comemorativa da Batalha do Riachuelo, desfilou pelas ruas de Angra dos Reis o Corpo de Alunos do Colégio Naval.

Não são poucas as emoções de um desfile; há responsabilidades, atenção, garbo e postura militar. Sente-se, nos rostos ansiosos do povo, a curiosidade, o burburinho que antecede a passagem de uma tropa e, o que é mais compensador, a admiração. O andar cadenciado, a frente erguida, as mãos espalmadas — eis alguns dos detalhes importantes para o sucesso de uma parada.

O desembarque no Cais do Pôrto iniciou-se às dez horas, de bordo do Aviso Rio das Contas. As Companhias postaram-se ao longo da avenida portuária. Ultimaram-se os preparativos, e ao som de marchas e dobrados deslocou-se a tropa para o local do desfile.

A Guarda de Honra, primando pela correção de movimentos, aproximou-se lentamente do local a ela destinado. Executou-se o Hino Nacional, desfaldou-se o pavilhão verde-amarelo. Estava incorporada a Bandeira. Os clarins e timbales da banda marcial anunciaram a chegada do CF Jose Júlio de Souza Gomes Galvão, que no impedimento do Sr. Diretor iria, em companhia do Sr. Prefeito de Angra dos Reis, presidir o desfile.

A tropa foi passada em revista e logo em seguida deu-se o desfile em continência às autoridades. Era admirável a correção com que, uma a uma, as companhias iam passando em frente ao palanque; eram efuziantes os aplausos do povo, que se apinhava nas calçadas, e a Marinha do Brasil era mais uma vez, em terra, ovacionada.



A ARANHA

A história que aqui vai relatada não se destina aos que em nada mais acreditam que não seja uma realidade por demais materialista, mas àqueles cuja boa fé impedirá o desdém para com meu trabalho.

Desenrola-se em uma época tumultuada pelas conquistas de um soberano europeu, e seu personagem é apenas um dos muitos que lutaram infrutiferamente pela emancipação de sua Pátria.

Rodrigo Diaz foi empurrado para dentro de uma cela na fortaleza de Pinedos. Neste presídio, situado oitenta metros sobre as bordas escarpadas do mar, êle deveria permanecer até que, por deliberação de um conselho inimigo, ficasse decidido sobre seu destino, pois já não havia a esperança da libertação por seus compatriotas vitoriosos.

Os olhos percorreram melancolicamente a cela que lhe serviria de habitação para o futuro. Pouca coisa existia ali: uma esteira de palha a um canto e uma mesa de madeira derreada pelo tempo. Recortada em uma parede lateral, conduzia os raios solares uma pequena janela gradeada, pela qual deveriam os prisioneiros acostumar-se a observar o alegre vôo das gaivotas no exterior — símbolo de uma liberdade perdida para êles.

Com o bater da pesada porta de ferro notou que o haviam deixado só. Percebeu então a falta dos antigos companheiros, lembrou as campanhas passadas, as escaramuças, e agora — capturado, mortos seus amigos, sufocada a ânsia de liberdade.

Com o bater da pesada porta de ferro notou que o haviam deixado só. Percebeu então a falta dos antigos companheiros, lembrou as campanhas passadas, as escaramuças, e agora — capturado, mortos seus amigos, sufocada a ânsia de liberdade.

Esforçou-se por esquecer aquelas lembranças. Andando de um lado para outro, lutava com a própria mente, até que, sucumbindo ao esforço, deixou o corpo escorregar para o chão, onde, encontrando a palha macia, refugiou-se no sono. Não vieram sonhos. Já não tinha motivos para sonhar, os adversários lhos arrancaram com o desmembramento do grupo de patriotas e a perda de uma causa que sempre lhes constituíra o único ideal.

Despertou ao cair da tarde, quando o carcereiro, homenzinho de péssimo aspeto e higiene duvidosa, veio trazer-lhe a refeição. Aquela espécie de coisa não se applicava o nome de comida; todavia, era preciso acostumar-se ou minguar de fome. Sentou-se para tentar engolir o que lhe haviam dado. Volta-

ram as recordações. Já não tinha a clareza de antes, tudo se lhe apresentava em um turbilhão de idéias. Aparecia a noite inesquecível, o tilintar de sabres, o bater dos fuzis, o som agudo dos disparos... nada; apagara-se súbito a mente. Agora só interessava o presente; o futuro era por demais inescrutável; o passado morrera com o último revolucionário.

Seguraram-se dias nos quais as horas decorriam em completa inatividade, quando seu espírito entregava-se à nostalgia e se aproximava da alienação. Somente um fato evitou que chegasse a tal extremo: um entardecer, estando deitado em sua esteira, notou que deixara de ser o único habitante do cubículo. Uma enorme aranha negra entregava-se laboriosamente à construção de sua complicada moradia. O primeiro impulso era matá-la — reflexo de sua vida anterior — contudo, levado pela curiosidade, talvez por sentimento mais nobre, passou a observar o animal.

Dêste dia em diante mudou sua existência naquele catre isolado. A princípio sentira repulsa, mas pouco a pouco acostumara-se com o bicho. Tornaram-se até amigos, impelidos quem poderá dizer, por êste impulso que une dois seres de qualquer espécie na solidão.

O prisioneiro criou para si e a aranha um mundo novo, exclusivo, que, embora não possuísse a multiplicidade das coisas que ocupavam os homens de fora, bastava para aquelas duas criaturas unidas, pelo acaso, em uma cela de prisão. Não causavam mais estranheza um ao outro e o homem até se divertia vendo o animal subir-lhe pelas mãos e braços com as pernas finas movendo-se céleres por sobre a pele.

Naquela tarde, porém, pairava no ar um pressentimento de tragédia. A atmosfera quente comprimia e sufocava, causando grande mal-estar. O carcereiro vinha, como era de hábito, trazer a refeição da tarde. Ouvindo-o andar pelas lajes do corredor, o preso levantou-se a fim de aguardar sua chegada de frente à porta. No entanto, em lugar de devolver a aranha para sua teia, esqueceu-se, conservando-a pelo braço. Ao deparar com animal tão horrendo nas mãos do inimigo, o homenzinho tomou-se de um pavor instintivo e, ato reflexo, arrojou-o do sustentáculo, esmagando-o em seguida com as grosseiras botas de campanha.

O outro não se moveu: paralisara-o o pasmo. Aquêles esbirro sujo e repulsivo destruiu o paraíso que tanto lhe custara criar.

No dia seguinte Rodrigo Diaz compareceu perante uma junta militar, respondendo pela morte do carcereiro da fortaleza de Pinedos. Condenaram-no sumariamente, e, antes que terminasse o dia, deixara de existir o revolucionário.



A praia da Ribeira é um lugarzinho pacato, escondido entre um volteio e outro do litoral, muito para lá daquelas matas. É um desses recantos que a gente só vem a conhecer por casualidade, e sente uma indescritível vontade de ficar. É uma gostosura de lugar, dono de areia alvíssima, bom de pescaria e como descanso não conheço nada melhor. Bom de a gente chegar, suarento, estirar-se de pronto na água mansa, e ficar observando o céu azul, céu muito azul este por aqui.

Foi num domingo que nós o conhecemos. Domingo de alvorada às sete horas, de missa e de patescaria.

Acho que era muito escuro ainda, quando me acordaram, pois quase tropecei no beliche da frente, e ficava por ali mesmo. O pessoal já estava todo pronto. Mochilas às costas, cantis, provisões, olhos brilhantes como imagino que os de Colombo deveriam ser ao descobrir a América.

Amanhecia. Pequenos espaços entre as copas das árvores mostravam-nos nesgas de céu, deixando passar um solzinho quente, bom para nossas roupas, molhadas já do orvalho. O início é sempre fácil, a animação crescente parece que vai levando a gente, conversando alto, vai abrindo trilhas no matagal espesso. Mas nem sempre podemos fiar-nos em nossas próprias faculdades e por isso procuramos logo as marcas deixadas por outros. Questão de garantia, fazemos questão de assegurar.

O alto da montanha, esta que se ergue por detrás do Colégio, é deslumbrante. Uma sentada

UMA CERTA PRAIA DA RIBEIRA

GILBERTO ROQUE CARNEIRO

para recuperar o fôlego, já gasto nas conversas, deu-nos oportunidade para tirarmos fotografias.

O subir e descer de escarpas é algo de sensacional. Um sobe, o outro cai; aí um vai ajudar o outro, lá se vão os dois para o buraco. Aí então é o diabo. Blasfemam, ameaçam voltar, de brigar, de chorar, e resolvem continuar. Coisas da vida, de desbravadores.

Ao grito de "cobra!" foi um Deus-nos-acuda. Mas com três golpes de faca, ao bom estilo mineiro, e a pequena coral estava dividida em pedaços. Afastamo-nos dali.

Assomamos o quase impenetrável bambuzal, rastejamos, lutamos, e vencemos. Entramos em campo aberto. Mas como custava a chegar! Árvore portentosa, siderada talvez por algum raio, arrastando consigo outras menores, abriu na mata enorme clareira. Descemos por fendas dos troncos até a parte mais baixa do amontoado de caules.

Ar quente, dêsse que secam a terra e garganta, sol de meio-dia. Custou-nos chegar, uma trabalhadeira sem fim, um atravessar de morros a não mais acabar. A praia da Ribeira é ver para



crer. Chegamos, e só a água fria pôde tirar do corpo tôda a canseira, o pó e as arranhaduras, únicos triunfos da longa caminhada.

A volta. Na hora em que a gente quer mas é ficar deitado na areia morna, dormitando ao vaivém do mar. Contudo o Colégio fica longe e o limite de regresso nem sempre permite muita indecisão. A gente reúne tudo, atira longe as latas vazias de presuntada, joga às costas o resto, olha para trás, promete voltar depois do festival, e sobe a serra. É penoso, acreditem.

Subimos, galgamos, escalamos. E nos perdemos! É sempre assim, quando a boa vontade custa a chegar, o caminho some. Resolvemos voltar ao bambuzal. Nestas horas a melhor coisa a fazer é parar, sentar, e pensar. Fizemos tudo isso menos pensar. Talvez que o cansaço obstruísse o bom-senso. Miramos as ipueiras portentosas que nos cercavam, e a alternativa de passar a noite ali veio chegando de mansinho.

Alguém pensou em subir em alguma delas para se orientar. Para mim, depois de tanto andar, o mínimo que êle poderia avistar era o morro da Urca. Mas não, o afortunado conseguiu vislumbrar a Ilha Grande.

Mais animados então, nós prosseguimos. E aos poucos foram chegando até nós, miseros exploradores de praias desconhecidas, a doce cantiga dos navios, as luzes e o esplendor de uma cidade. Era a mesma Angra dos sábados e domingos, mas, não sei por quê — a gente faz tanta coisa sem explicação — senti, lá dentro de mim, uma vontade louca de dar vivas a Angra. Mas ficou, a bem desta reportagem, só lá no íntimo.

Noite de domingo. Muita coisa a se contar aos curiosos à mesa do rancho, entre um copo e outro de jacuba.



NAVIO-AERÓDROMO

"MINAS GERAIS"



Fragata 22

"A destruição de um submarino é um tento que finaliza uma imensa e constante atividade de setores vários das Forças em operações. Não basta sair para o mar e procurá-lo, é preciso que essa procura seja feita nas áreas de maior probabilidade de encontro. Esse é o importante papel que desempenhará o NAeL "Minas Gerais", núcleo da nossa primeira Força-Tarefa Anti-submarino, também conhecida como Grupo de Caça e Destruição.

O que é um Grupo de Caça e Destruição?

De uma maneira simples, é um time que utiliza todas as possibilidades e todas as formas disponíveis para detectar, caçar e destruir submarinos".

A Armada tem rebuscado das mais variadas maneiras a sua modernização. A reestruturação de seus quadros, bem como do material ativo, tem-se processado lenta e tenazmente, mas de maneira eficaz e objetiva. Já não se admitem preconceitos, nem esforços inúteis — todos se lançam à frente irmanados em uma só finalidade: a do fortalecimento do Brasil como nação livre e soberana.

A incorporação do Navio-Aeródromo Minas Gerais à Marinha Brasileira veio confirmar, de maneira irrefutável, o grande papel que nos será reservado no mar. A guerra moderna não dá margem a hesitações, e os sacrifícios presentes não podem ser bem compreendidos se não se tiver em mente a certeza da tranquilidade futura. A Marinha avança a passos largos ao lado do desenvolvimento nacional.

O "Minas Gerais", já em atividades de rotina, progride, e sua guarnição se aperfeiçoa para atingir o que se espera dele. A nossa Armada, dispondo agora de elementos para constituir seu primeiro

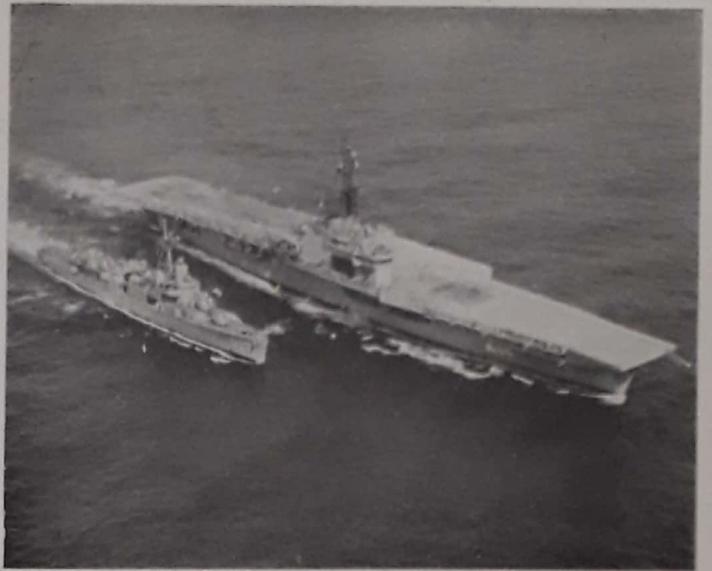
NAVIO — AERÓDROMO

Grupo de Caça e Destruição, tais como os contratorpedeiros recém-chegados dos Estados Unidos, "Pernambuco" e "Paraná", se prepara, de modo decisivo, para enfrentar a ameaça submarina, para cumprir sua missão de defesa das costas nacionais e das frotas mercantes do Atlântico Sul.

Oficiais da MB regressam já dos Estados Unidos, onde foram se aperfeiçoar como pilotos navais, para melhor desempenho de suas funções a bordo. No Centro de Adestramento Almirante Marques Leão vêm funcionando cursos de preparação de operadores de sonar e radar, e a instrução altamente avançada para pilotos navais em helicópteros, no Centro de Instrução e Adestramento Aero-naval.

Depois de vários estudos, selecionou-se o avião S2F e o helicóptero SIKORSKY HSS, aeronaves de origem americana, para atuarem nas tarefas previstas para o NAe. Entretanto, cumpre ressaltar que aviões convencionais e a jacto da Marinha Britânica, quando das provas de mar, pousaram e decolaram de bordo do nosso navio-aeródromo.

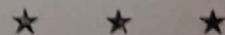
É, portanto, com carinho que assistimos aos primeiros passos de uma nova Marinha. Uma Armada estruturalmente forte, moderna e capaz de participar de operações ao lado das mais bem adestradas forças navais do mundo. Sentimos que o futuro nos será particularmente favorável, empenhados no progresso da Pátria.

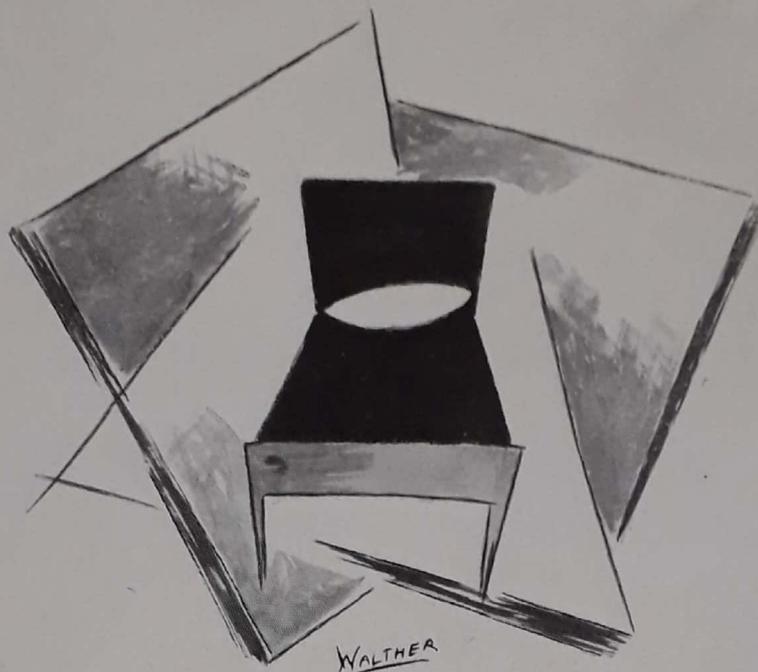


Neste ano recebemos a visita aqui em casa do Capitânea da Esquadra, que, acompanhado do CT Pará, fazia exercícios nas proximidades da Ilha Grande, adestrando-se e à sua guarnição na tática anti-submarino. Na foto vemos o NAeL Minas Gerais em faina de passagem de combustível para o CT Pará.



"A principal arma da Marinha contra os submarinos é o Grupo Tarefa Anti-submarino. O centro desse Grupo Tarefa é um navio-aeródromo ligeiro convertido especialmente para o trabalho anti-submarino. Nele são baseados os TRACKERS — S2F, aviões de dois motores, de alto padrão e projetados unicamente para detectar e atacar submarinos. O navio-aeródromo também conduz caças a jato e um esquadrão de helicópteros, construídos especificamente para a caça dos submersíveis".





LUIZ TARLEY DE ARAGÃO

Uma cama e quatro paredes

Rangeram os freios e nós saltamos para a plataforma.

O azulão severo das fardas confundia-se com o colorido dos trajés de familiares. Procurava naquela infinidade de feições amigas e sorridentes uma que me fôsse querida; mas, tão logo meu olhar encontrava o de alguém, seu semblante fechava-se ligeiramente e se transfigurava, como a negar-me aquilo de que tanto necessitava: carinho e compreensão.

Certamente ninguém me esperava.

Caminhei lânguidamente em direção à rua. Na saída um colega, pegando-me pelo braço, disse, entre

sorridente e satisfeito: "Não vá faltar àquela festinha; conto com sua presença". Não respondi e continuei a andar em direção ao hotel.

Abri a porta ávido por encontrar algo de diferente; nada, apenas uma cama e quatro paredes...

A noite, como a fugir ao tédio, fui ao clube.

Estava na varanda contemplando o luar, perdido em pensamentos, quando senti uma leve pressão no ombro. Voltei-me apressado, com medo de que aquela visão se esvaecesse — era ela. Matizada pelo luar, parecia mais uma sombra de poesia. E, juntando-se ao sofrimento da separação, veio a tormenta da presença perturbadora.

Olhamos longamente um para o outro; seus olhos iam fundo nos meus, perscrutando todo o meu sofrer.

Passeamos pelo jardim, de mãos dadas, juntos um do outro, a mirar perdidamente o luar. Propusemos que não se falasse do passado. O presente para nós era por demais angustioso e o futuro para mim era o nada.

Vislumbrei na semi-escuridão uma rosa; rubra e macia, era a perpetuação do singelo. Dei-lha.

Os minutos passaram rapidamente; os segundos perderam-se na ânsia de viver os instantes. De dentro chamaram por ela. Entregou-me a rosa, e um olhar de incompreensão e tristeza inundou seus olhos negros. Foi-se.

Apertei com força minhas mãos e senti algo escorrer-me por entre os dedos. Havia me esquecido de que as rosas também têm espinhos...

Depois... o hotel, onde ainda me esperavam uma cama e quatro paredes.

Humor



Dedicamos nossa página central às fotos da turma que se despediu do CN em 1961, tripulantes da FRAGATA. Esperamos que este pequeno álbum de saudade realize muitas vezes o que o futuro tornará impossível: reunir a nossa turma.

nostra turma



Adllson
(Cmdte. Aluno)



Petrassi

Brick

Augusto

Otoni

Fonseca

Esteves

Sarmento

C. Ribeiro

Kaehler



Chadãad

Murilo

Otávio

Rohrs

Sidnei

Gilberto

Schimidt

Malheiros

Barcala

Silva

Martinelli

Oliveira

Cavalcanti

Reinaldo

Moreira

A. Carlos



Saboya

Luz

Charret

Montalvão

Ronald

Dias Vieira

Agnese

Matta

Wanderley

Araújo

Dúlio

Pinheiro

Ajamir

Busnardo

Batista

Paulino



Lemos

Walther

Victor

Mesiano

Vieira de Mello

Robertson

Eugênio

Hiram

Breves

Reiss

Júlio César

Paulo César

Coelho

Menezes

Gosende

Leonardo

Alberto

Felizardo

Oneto

Dias

Palmier

Élcio

Alencar

Marques

Lisboa

Pilla

Fortes

Daniel

Nantes

Pierantoni

Ridel

A. Ribeiro

Herbert

Larangeira

Eduardo

Onecir

Jansen

João Luiz

Taves

Gouvêa

Bonaparte

Edson

Winters

Dezouart

Cotta

Saraiva

Couto

Amaral

Cascão

Adilson Simões

Schurch

Falcão

Bompét

José Carlos

Faria

Bueno

Canosa

Roca

Rocha

Priori

Waldyr

Machado

Benevides

Mac Dowe

Hanna

Rezende

Gabrielli

Dib

Barbosa

Quadros

Souza Breves

Ribas

Castelo Branco

Póvoa

Nóbrega

Caixeta

Bourguignon

Salomão

Dobbin

Jambeiro

I AGRO NAV

texto de: COTTA

fotos de: NANTES

Em espetacular e vitoriosa iniciativa, tivemos este ano a oportunidade de disputar a I AGRO-NAV com a Escola Agrotécnica Idelfonso Simões Lopes, da Universidade Rural do Rio de Janeiro. Foram disputas esportivas em que venceu a melhor técnica, em que se colocou em confronto a juventude e das quais todos nós guardamos lembrança de cordialidade e amizade.

O que existe sobrepujando falhas e deficiências, é o espírito desportivo. Sentimos o valor desta idealização para o maior entrelaçamento de nossa mocidade estudantil e universitária. Demos um primeiro passo; esperamos que muitos venham a ser dados no futuro, já que tanto necessitamos para a consolidação da nacionalidade.

As competições, em cinco modalidades de esporte, foram divididas em duas partes: a primeira se realizou em Angra dos Reis, e a segunda no Km 47 da Rio-São Paulo, onde se situa a Universidade Rural.

Volibol

Abrindo as competições realizou-se renhido jogo, demonstrando que as duas equipes equivaliam-se tanto em conjunto como individualmente.

Levamos a melhor no primeiro "set". No segundo chegamos a ser ameaçados e vencemos por diferença mínima, completando com boa atuação no terceiro "set" e conquistando merecidamente a vitória final.

Formou a nossa equipe com: Pinheiro, Pasi-
ni, Rohrs, Leitão, Ericson e Marques.

Basquetebol

Reunidos no centro da quadra os ases da pelotassou o apito e estava iniciada a partida. A bola subiu e empurrada por Pinheiro à frente para

Na movimentada partida de basquetebol Pinheiro e Leitão lutam pela bola.



Bonito arremesso de Soldan.



Nosso quadro de vôlei e chegada de Coelho, Salomão e Marcus na prova de atletismo.



Leitão, foi morrer mansamente na rede adversária — primeiro ponto para nossas côres.

Predominando nas ações e com nossos ases em dia inspirado, conseguimos dilatar o escore para terminarmos o período inicial com boa vantagem. No 2.º período, mais tranqüilos, desenvolvemos um jogo rápido e marchamos céleres para a vitória final de 46x37.

Oreis, da Agrotécnica, foi o cestinha com 16 pontos, seguindo-se Feizardo do CN com 15.

Futebol de Salão

Após um primeiro tempo onde predominou o conjunto da Agrotécnica marcando 5x2 a seu favor, tivemos uma espetacular reação de nosso quadro que, com tentos de Antônio e Câmara, impulsionado por uma torcida vibrante, conse-



guiu transformar o revés numa sensacional vitória por 7x6.

Marcaram respectivamente:

Para a Agrotécnica: Ésio 3, Jacy 1 e Carlos Magno 1.

Para o Colégio: Antônio Carlos 3, Câmara 2, Barbosa 1 e Jambeiro 1.

A segunda parte das disputas realizou-se nos domínios da Agrotécnica, nos dias 11 e 12 de junho.

Partimos para lá esperançosos de colher novas vitórias, e lá chegamos.

Carinhosa recepção foi-nos preparada e sentimos desde logo o coleguismo e a amizade já despertadas quando de sua visita ao CN.

Fãitavam atletismo e futebol para que fôsse completada a série de jogos programados para a I Agro-Nav.

Começamos com o atletismo, despontando logo a Agrotécnica com Gerson no 1.º posto dos 100 e 300 metros rasos.

Porém não nos intimidamos e Coutinho, numa dura corrida, chega à frente nos 1.500 metros, muito bem secundado por Murilo e marcando o tempo de 4m 50,2s.

Partiram novamente os nossos adversários para a vitória, arrebatando com excelente corrida de Carlos e bom lançamento de Romildo, as provas de 83m com barreiras e lançamento de peso.

Equipe de futebol do CN.





Nossa delegação em visita às instalações da Universidade Rural do Rio de Janeiro.



Equipe de basquetebol da Escola Agrotécnica e passagem do bastão nos 4x100.



Reage o Naval, conquistando a prova de lançamento de dardo com ótimo arremêso de Bruce que atingiu a casa dos 40,87m.

O revezamento 4x300 pertenceu aos atletas da Agrotécnica com bom trabalho de Eloy, Armento, Aluizio e Gerson na passagem do bastão. Em cima da linha vencemos o outro revezamento, o 4x100, com Marcus, Petrassi, Cavalcanti e Coelho.

Nas provas restantes saíram-se vencedores os atletas locais. Carneiro e Adauto nos saltos e Joaquim no lançamento do disco completaram com êxito a parte final do atletismo. Campeã nessa modalidade a Agrotécnica com 200 pontos, totalizando o CN 124.

No sábado à noite foi-nos oferecido um "Bingo Dançante", onde a animação reinou do começo ao fim.

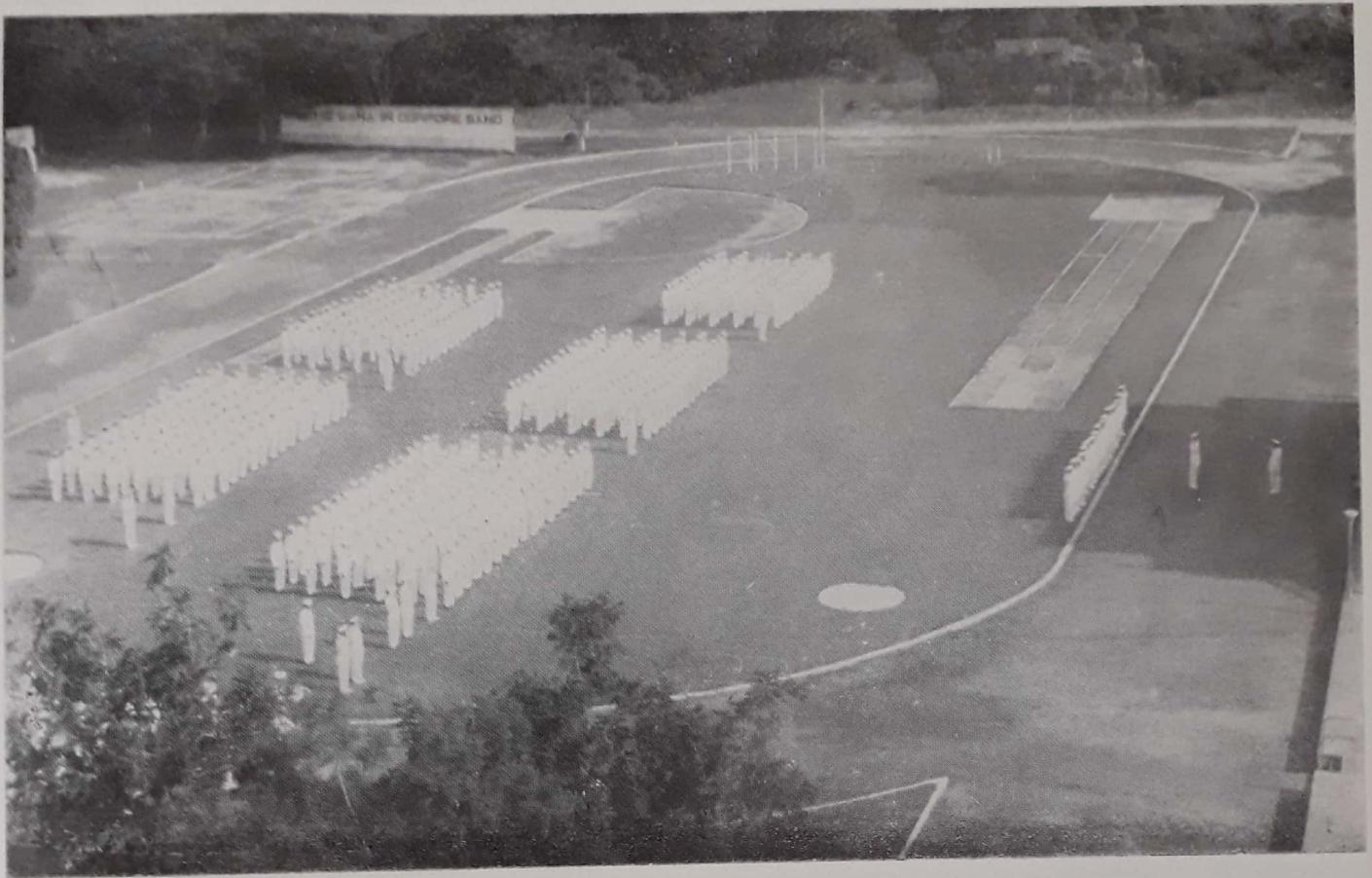
A partida de futebol, terceira e última das competições, foi realizada em excelente gramado. Não obstante o esforço, a fibra e o entusiasmo dos atletas do CN, a vitória sorriu aos adversários: 4 tentos a 1. O Colégio formou com: Dias, Bueno, Fonseca, Jambeiro, Simões, Lemos, Câmara, Campos, Barbosa, A. Carlos e Pillar.

Após o futebol, em cerimônia simpies porém significativa, foram entregues os troféus e as medalhas aos atletas vencedores, no interior do ginásio da Universidade Rural.

O CN despediu-se, levando consigo a satisfação do brilhantismo e ardor das pelepas. Satisfeito também por sair vencedor desta I AGRO-NAV, realizada nos meses de abril e junho, e que ressaltou mais uma vez a fraternidade esportiva entre os atletas navais e universitários.

FLAGRANTES

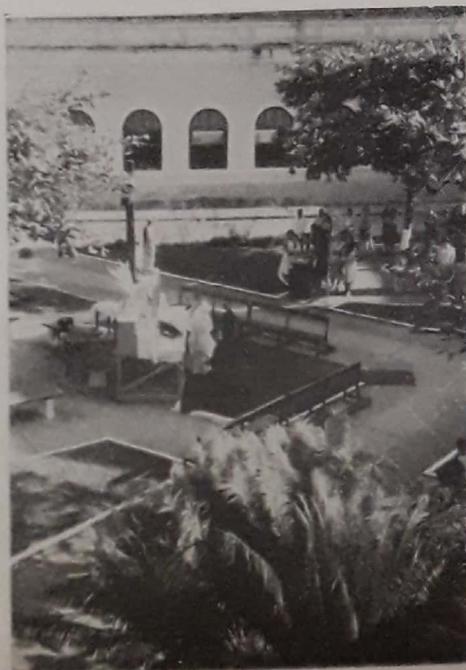
de 1961



PASSAGEM DE COMANDO

A passagem de comando, primeira grande solenidade do começo do ano, deu-nos a oportunidade de conhecer o CMG Mário Geraldo Ferreira Braga, novo diretor, que recebeu o cargo das mãos do CF

José Júlio de Souza Gomes Galvão, que o vinha exercendo interinamente. Na foto que vemos acima, Oficiais, Corpo de Alunos e Guarnição do Colégio, formados no campo de esportes, prestam sua primeira continência ao novo diretor.



PÁSCOA

Não se poderá nunca esquecer da parte espiritual na formação dos Oficiais de Marinha. Ela enrijece o espírito e auxilia o aprimoramento dos caracteres, dando-nos a noção dos deveres terrenos e preparando-nos para a vida futura.

Organizada pelo incansável Frei Hugo, nós também tivemos a nossa páscoa. Momentos de fé foram vividos no pátio interno, onde oficiais, alunos, guarnição e respectivas famílias tiveram a ocasião de saldar o seu dever pascal.



NOITE JUNINA

*noite de lua prateada,
de pequeninos
grãos de poesia,
de esvoaçantes formas
de alegria...
... e de muita saudade também!*

Quem pode prever um desfecho de casamento de roça? Momentos de animação e graça veio trazer o show junino.



PALESTRA SÔBRE O INSTITUTO DE PESQUISAS DA MARINHA

Tivemos neste ano a visita do Comandante Beltrão, diretor do Instituto de Pesquisas da Marinha. Palestrando com oficiais e Corpo de Alunos, no ginásio, mostrou as grandes finalidades do Instituto que recentemente estará em total funcionamento.

Criado há pouco tempo, destina-se a realizar estudos a fim de formular soluções para os diversos problemas tecnológicos dos vários setores de nossa Marinha e para as indústrias civis, estando, no momento, trabalhando em serviços para o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.





VISITA DO INSPETOR GERAL

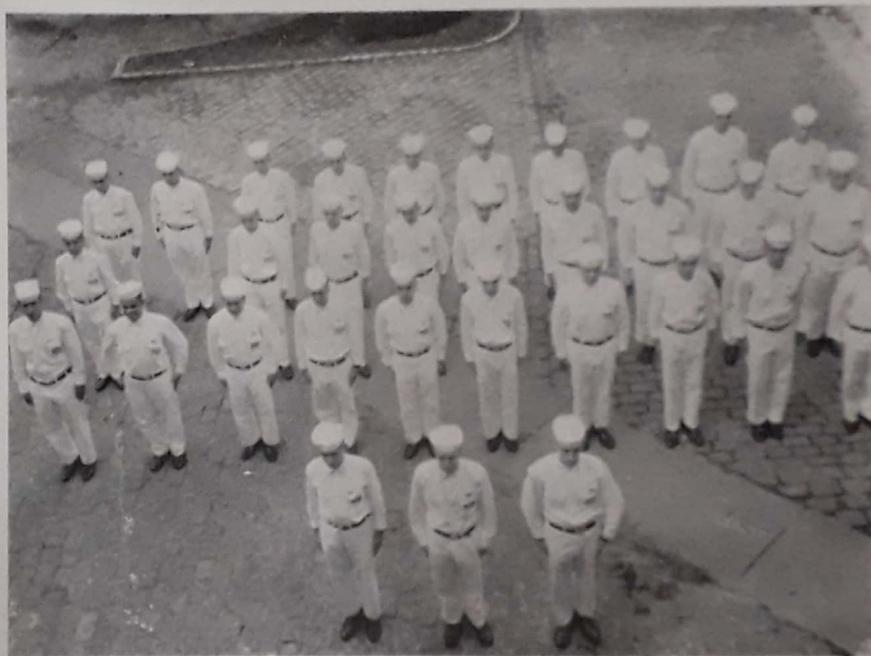
Recebemos, também, em 1961, a visita do Inspetor Geral de Marinha, Almirante Paraguassu, que, acompanhado de outros oficiais superiores, passou em revista o Colégio e suas instalações.

PELOTÃO TAMANDARÉ

Todos os anos confere-se, dentre os pelotões que constituem o batalhão escolar, um prêmio àquele que alcançar a melhor média das matérias do Ensino Colegial, demonstrar maior firmeza em formatura, apuro nos uniformes e o menor número de punições. Serão contadas as médias de todos os alunos do pelotão durante um período, geralmente de um mês.

Este ano, por motivos alheios à vontade de todos, apenas um pelotão logrou ganhar o título de Pelotão Tamandaré: o 5.º pelotão, pertencente à 1.ª Cia., o que se pode ver na foto ao lado.

O "Pelotão Tamandaré" oferece várias vantagens aos seus componentes, entre elas o direito de usar nos uniformes internos um barrete azul de feição próprio sobre o qual existe um "E" (de eficiência) dourado e uma licença especial para o Rio.



Relação de seus componentes:

2001 — Adilson	2093 — Couto	1061 — Dilson
2005 — Ottoni (Aj. da Cia.)	2101 — Faria	1069 — Paulo Mário
2013 — Otávio (Comte do Pelotão)	2109 — Machado	1077 — Ayres
2021 — Silva	2117 — Quadros	1085 — Laércio
2029 — Luz	2125 — Salomão	1093 — Trindade
2037 — Wanderley	1005 — Armando	1101 — Lacerda
2045 — Lemos	1013 — Quintanilha	1109 — Carlos
2053 — Breves	1021 — Victorazzo	1117 — Tibério
2061 — Alberto	1029 — Braga	1133 — Coutinho
2069 — Lisboa	1037 — Sant'Anna	1149 — Delavechia
2077 — Herbert	1045 — Figueiredo	1165 — Villas-Bôas
2085 — Gouvêa	1053 — Antônio	1173 — Arlindo

VISITA DO COLÉGIO PLÍNIO LEITE



Recebemos no mês de outubro a visita do Colégio Plínio Leite, de Niterói, que aquiesceu ao nosso convite para disputar um troféu por nós oferecido.

As competições esportivas, em número de quatro, apresentaram, ao final, empate por duas vitórias do Plínio Leite (Voleibol e Basquete) contra duas nossas (futebol de salão e polo aquático).

Iniciadas as disputas com a partida de voleibol, esta apresentou o resultado de 3 x 2, apesar de nossa bem treinada equipe.

No basquete ainda os visitantes lograram nos arrebataram a vitória, por 63 pontos contra 51 do CN. Os cestinhas foram Luiz Antônio do Plínio Leite com 19 pontos e Pinheiro do CN com 16.

No futebol de salão tivemos nossa primeira vitória, com 4 goals de Jambeiro contra 1 de Apolo do PL.

No polo aquático vencemos pela contagem de 7 x 0.

Esperamos que no próximo ano possamos desempatar as pelepas de 1961, para decidir finalmente, a posse do ambicionado troféu.



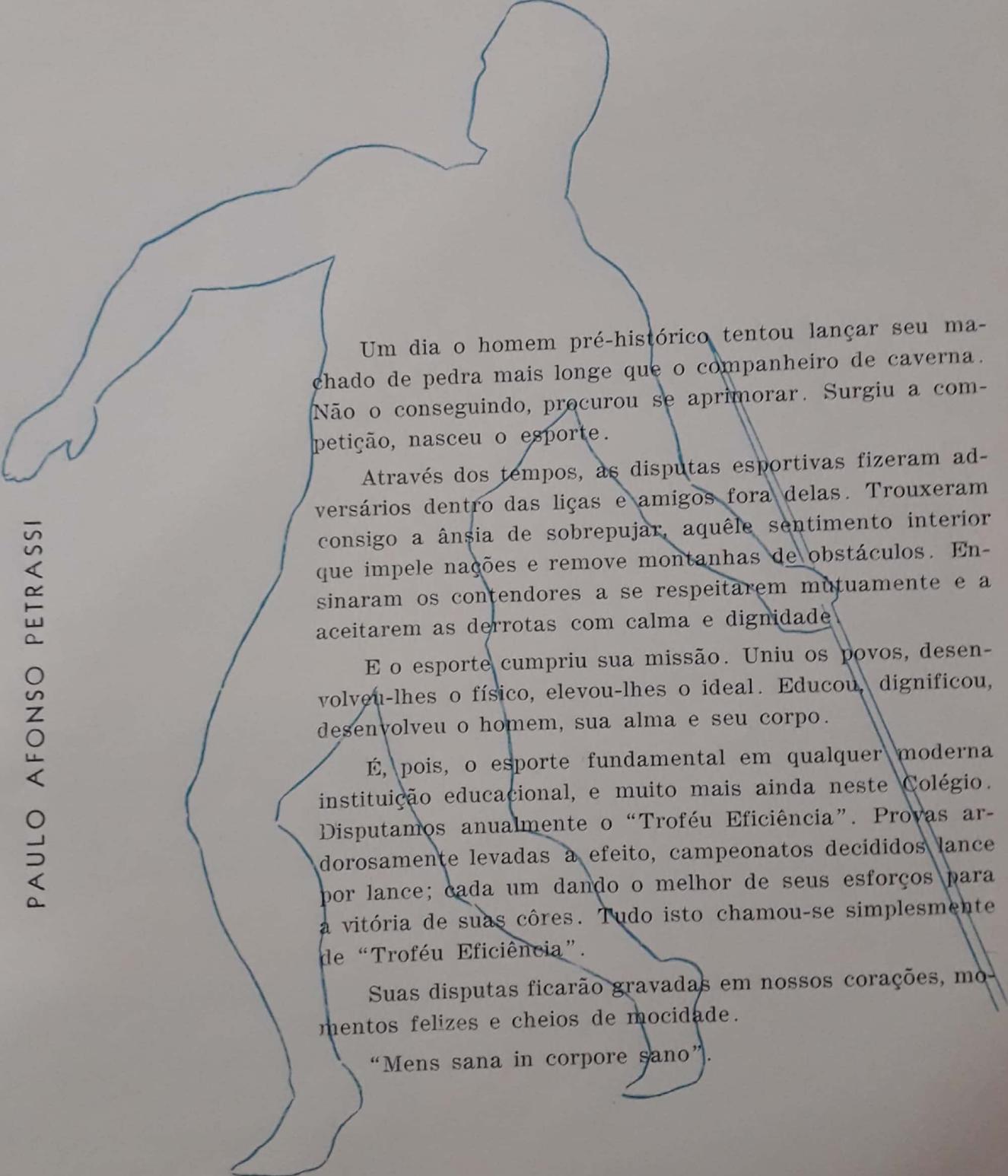
DIA DA BANDEIRA

A tradicional data de 19 de novembro foi solenemente comemorada aqui, numa homenagem ao pavilhão nacional. Ao som do hino à Bandeira, cantado pelo Corpo de Alunos e de uma salva de 21 tiros foi hasteado o pavilhão, em significativa cerimônia.



TROFÉU EFICIÊNCIA

PAULO AFONSO PETRASSI



Um dia o homem pré-histórico tentou lançar seu machado de pedra mais longe que o companheiro de caverna. Não o conseguindo, procurou se aprimorar. Surgiu a competição, nasceu o esporte.

Através dos tempos, as disputas esportivas fizeram adversários dentro das liças e amigos fora delas. Trouxeram consigo a ânsia de sobrepujar, aquele sentimento interior que impele nações e remove montanhas de obstáculos. Ensinaram os contendores a se respeitarem mutuamente e a aceitarem as derrotas com calma e dignidade.

E o esporte cumpriu sua missão. Uniu os povos, desenvolveu-lhes o físico, elevou-lhes o ideal. Educou, dignificou, desenvolveu o homem, sua alma e seu corpo.

É, pois, o esporte fundamental em qualquer moderna instituição educacional, e muito mais ainda neste Colégio. Disputamos anualmente o "Troféu Eficiência". Provas ardorosamente levadas a efeito, campeonatos decididos lance por lance; cada um dando o melhor de seus esforços para a vitória de suas côres. Tudo isto chamou-se simplesmente de "Troféu Eficiência".

Suas disputas ficarão gravadas em nossos corações, momentos felizes e cheios de mocidade.

"Mens sana in corpore sano".

ATLETISMO

Indiscutivelmente 1961 desenvolveu nosso esporte base. As competições, tanto internas como externas, incentivaram a melhoria de nossas marcas e a disputa contra adversários mais experientes aprimorou-nos a técnica.

Se os índices do Troféu não foram de todo satisfatórios, leve-se em consideração a falta de tempo para treinamento, a proximidade das provas parciais

e as condições nem sempre eficientes de nossas pistas.

Graças a maior categoria de seus atletas impôs-se a 3.^a Cia. totalizando 150 pontos contra 105 da 1.^a. Salomão, com 45 pontos, o atleta mais eficiente, seguindo-se Jambeiro com 33, Cavalcanti com 27 e Bueno com 26.

O resultado das provas disputadas em busca do "Bronze Ministro da Marinha" foi o seguinte:

100 METROS RASOS

- 1.^o — SALOMÃO (1.^a Cia.) 12s 1/10
- 2.^o — CÂMARA (3.^a Cia.) 12s 4/10
- 3.^o — COELHO (1.^a Cia.)

200 METROS RASOS

- 1.^o — CAVALCANTI (4.^a Cia.) 25s
- 2.^o — SALOMÃO (1.^a Cia.) 26s
- 3.^o — BUENO (3.^a Cia.) 26s

83 METROS COM BARREIRAS

- 1.^o — CAVALCANTI (4.^a Cia.) 12s 9/10
- 2.^o — BUENO (3.^a Cia.) 13s 1/10
- 3.^o — SALOMÃO (1.^a Cia.)

400 METROS RASOS

- 1.^o — SALOMÃO (1.^a Cia.) 58s 4/10
- 2.^o — COUTINHO (1.^a Cia.) 58s 8/10
- 3.^o — DUILIO (3.^a Cia.)

800 METROS RASOS

- 1.^o — BRAGA (1.^a Cia.) 2m 23s 1/10
- 2.^o — COUTINHO (1.^a Cia.) 2m 23s 5/10
- 3.^o — MURILO (4.^a Cia.)

4 x 100 REVEZAMENTO

- 1.^o — 3.^a Cia. — CÂMARA, JAMBEIRO OLIVEIRA e BUENO 49s 2/10
- 2.^o — 1.^a Cia. — COELHO, BRAGA, COUTINHO e SALOMÃO 50s



4 x 200 REVEZAMENTO

- 1.º — 3.ª Cia. — CÂMARA, JAMBEIRO, DUILJO e BUENO 1m 43s 5 10
- 2.º — 1.ª Cia. — COELHO, BRAGA, COU-TINHO e SALOMÃO 1m 44s 4 10



SALTO EM ALTURA

- 1.º — JAMBEIRO (3.ª Cia.) 1,55m
- 2.º — AGNESE (3.ª Cia.) 1,50m
- 3.º — EDUARDO (3.ª Cia.) 1,50m



SALTO TRÍPLICE

- 1.º — PINHEIRO (4.ª Cia.) 12,13m
- 2.º — ANSELMO (3.ª Cia.) 11,79m
- 3.º — SALOMÃO (1.ª Cia.) 11,77m

SALTO EM DISTANCIA

- 1.º — JAMBEIRO (3.ª Cia.) 5,73m
- 2.º — SALOMÃO (1.ª Cia.) 5,60m
- 3.º — AGNESE (3.ª Cia.) 5,37m





ARREMÊSSO DE PÊSO

- 1.º — LEITÃO (3.ª Cia.) 11,88m
- 2.º — ROHRS (2.ª Cia.) 11,85m
- 3.º — JANUZZI (4.ª Cia.) 11,78m

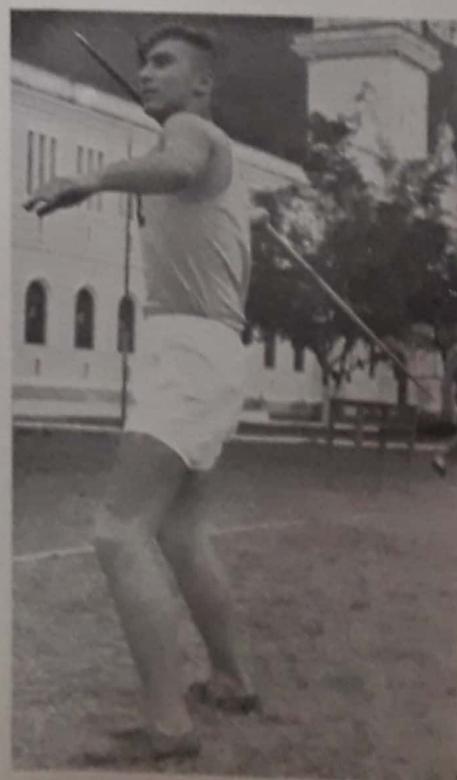


ARREMÊSSO DE DISCO

- 1.º — AGNESE (3.ª Cia.) 35,03m
- 2.º — MALHEIROS (3.ª Cia.) 31,65m
- 3.º — SOLDAN (4.ª Cia.) 31,01m

ARREMÊSSO DE DARDO

- 1.º — BRUCE (4.ª Cia.) 43,84m
- 2.º — SOLDAN (4.ª Cia.) 36,33m
- 3.º — SÉRGIO (4.ª Cia.) 35,30m





RÚSTICA TERRESTRE

“Bronze Comandante Arnaldo Toscano”

Tradicionalmente no dia 25 de junho realiza-se a nossa corrida rústica. A partida é dada do cais de Angra dos Reis, o percurso de aproximadamente 2.500 m, sendo a chegada no próprio Colégio, no funil colocado ao término da pista de atletismo.

Sob entusiástica aclamação da assistência e acordes do “Cisne Branco”, Murilo, com o tempo de 9m 32s, cortou a fita de chegada, após sensacional duelo com Coutinho, 2.º colocado com 9m 46s. Seguiram-se:

- | | |
|---------------------|------------------|
| 3.º — Duilio | 7.º — Adilson |
| 4.º — Fonseca | 8.º — Cavalcanti |
| 5.º — Braga | 9.º — Costa Lima |
| 6.º — Marcílio Dias | 10.º — Francisco |

BASQUETEBOLE

“Taça Chefe do Estado Maior da Armada”

Devido a um jôgo de conjunto bem armado e desenvolvido no meio da quadra por Felizardo, venceu categoricamente a 2.ª Cia. Os comandados do CT Alão dominaram seu maior adversário, a 5.ª Cia., pela diferença de um ponto, e partiram invictos para a conquista da taça.

Campeã, portanto, a 2.ª Cia. com 0 ponto perdido. Seguiu-se a 4.ª Cia. com 2 pontos.

Pinheiro, da 5.ª Cia., foi o cestinha com 75 pontos.

A equipe campeã alinhou: Felizardo, Trisciuzzi, Leitão. Antônio Carlos, Ribeiro, Busnardo, Sant'Anna, Frederico e Hanna.



FUTEBOL

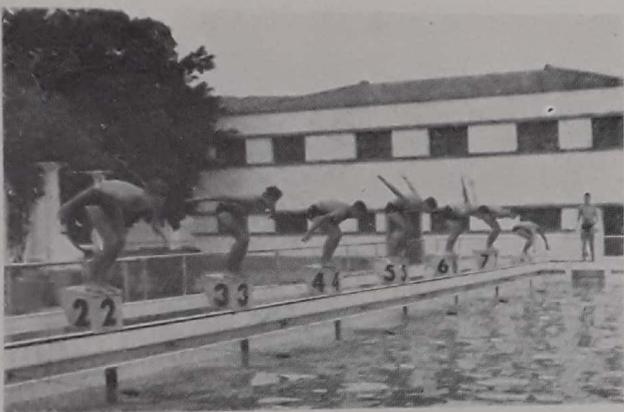
“Bronze Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais”

Como primeiro campeonato do ano escolar, despertou enorme vibração. Individualmente equipavam-se as equipes. Foi mais feliz a 5.ª Cia. impondo-se a todos os seus adversários e saindo invicta com apenas um tento contra suas rédes.

Pontificou Salomão como artilheiro e mola mestra da linha dianteira. Armando-se bem no meio campo com Lemos e Reinaldo, levaram os campeões a pressão de seu ataque a todos os arquiadversários.

Formou a 5.ª Cia. com: Kachler, Cavaco, Manoel, Capella, Júlio César, Lemos, Benevides, Alvaro Luiz, Salomão, Rodrigues, Bruno, Pinheiro, Robertson, Cabral e Gomes.





LANCE LIVRE

A competição realizada no ginásio veio salientar a boa forma de nossos "cestinhas".

Vencedor Felizardo, em segundo Rezende. Por equipes, campeã a 3.^a Cia. com 50 pontos, segundo lugar a 5.^a com 46 pontos.

POLO AQUÁTICO

"Taça Diretor Geral de Intendência"

Disputadíssima a final entre as 2.^a e 3.^a Cias. Ao término do tempo regulamentar permanecia igualado o marcador 2 a 2. Na prorrogação venceu a 3.^a Cia. com um tento ao apagar das luzes. A equipe vitoriosa formou com: Mac Dowell, Duílio, Fortes, Malheiros, Bueno Rocha, Agnese, Pasini, Oneto, Batista, Leitão, Barcellos e Trisciuzzi. Os artilheiros foram Villas-Bôas e Marques com 9 pontos.

FUTEBOL DE SALÃO

"Taça Corpo de Alunos"

Derrotando surpreendentemente a 1.^a Cia. cuja equipe formava com vários elementos do esquadrão do Colégio, sagrou-se vencedora a 2.^a Cia.

O time comandado por Antônio Carlos armou um jogo corrido, de passes rápidos e finalização precisa.

Os campeões foram: Antônio Carlos, Gilberto, Leitão, Jambeiro, Trisciuzzi, Jansen, Petrassi, Antão, Felizardo e Ribeiro.

Artilheiro: Campos da 4.^a Cia. com 9 tentos.

VOLIBOL

"Bronze Secretário Geral da Marinha"

Sendo esporte dos mais praticados no CN, despertou o campeonato notável interesse. Despontou a 1.^a Cia. como equipe mais regular, e graças ao elevado padrão técnico desenvolvido, foi, com todos os méritos, campeã invicta. Os vencedores: Barbosa, Fonseca, Fortes, Augusto Ribeiro, Soldan, Lima, Garcia, Simões, Póvoa e Coelho Neto.

NATAÇÃO

O campeonato realizado na piscina do Centro de Esportes da Marinha reuniu nossos melhores nadadores. Entretanto uma dificuldade se apresentou para melhoria dos índices: a falta de familiarização com "viradas" e saídas, pois a grande maioria dos nadadores pertence a equipe de polo aquático que lhes toma todo tempo de treinamento.

Venceu a franca favorita, 3.^a Cia., com 93 pontos. Secundou-a a 1.^a com 70 pontos.

Os resultados foram:

100m NADO LIVRE

- 1.^o — CABRAL (1.^a Cia.) 1m 11s 2/10
- 2.^o — GARCIA (2.^a Cia.) 1m 11s 1/10
- 3.^o — BARCALA (4.^a Cia.)

200m PEITO CLÁSSICO

- 1.^o — MALHEIROS (3.^a Cia.) 3m 27s 3/10
- 2.^o — COUTINHO (1.^a Cia.) 3m 44s 2/10
- 3.^o — AGNESE (3.^a Cia.)

100m NADO DE COSTAS

- 1.^o — LIMA (3.^a Cia.) 1m 31s
- 2.^o — PASINI (3.^a Cia.) 1m 31s 7/10
- 3.^o — VILLAS BÓAS (1.^a Cia.)

100m NADO BORBOLETA

- 1.^o — MALHEIROS (3.^a Cia.) 1m 39s
- 2.^o — FREDERICO (2.^a Cia.) 1m 54s 3/10

4 x 100 NADO LIVRE

- 1.^o — 1.^a Cia. — OTTONI, CABRAL, WANDERLEY e VILLAS BÓAS 5m 21s 2/10
- 2.^o — 2.^a Cia. — ALONSO, FREDERICO, KAHLER e BITTAR 5m 37s

3 x 100 3 ESTILOS

- 1.^o — 3.^a Cia. — PASINI, MALHEIROS e ONE TO 4m 29s
- 2.^o — 1.^a Cia. — VILLAS BÓAS, COUTINHO e CABRAL 4m 31s 3/10

TIRO

Não é dos esportes mais praticados no CN. O "stand" sempre silencioso, local preferido por alguns para umas horas de estudo durante as provas, tornou-se por dois dias repleto dos estampidos das "22", exclamações de júbilo e murmúrios de decepção.

O campeão individual foi Silva com 39 pontos. Em segundo Couto com 33. Por equipes, 1.^a Cia., com 130 pontos, secundada pela 2.^a com 121.



REMO

Travamos contato com os remos nas aulas de MEM, nas patescarias e nas "guarnições" em domingos ensolarados. Justifica-se, pois, o interesse despertado pela competição.

Na regata de canadenses venceu a 2.^a Cia. graças aos 2 primeiros postos, obtidos por Costa Lima, Frederico, Fonseca e Franco.

Nos escaleres ganhou a 3.^a Cia. por larga margem. O 2.^o posto coube a guarnição da 1.^a Cia.

Guarnição vencedora: Câmara, Duílio, Batista, Eduardo, Pasini, Cascão, Dib, Malheiros, Jambeiro, Montalvão e Barcellos.

Na contagem final a campeã, 2.^a Cia., totalizou 19 pontos, vindo em segundo lugar a 3.^a com 12 pontos.



TÊNIS

O esporte branco progrediu aceleradamente em 61. Graças às melhorias sofridas pela quadra, ao incentivo dado pelo aluno encarregado, Augusto, realizaram-se partidas de março a dezembro. Dois torneios foram disputados, sendo um válido para o Troféu Eficiência. Ressalta-se a gentileza do "Jornal dos Sports" em oferecer medalhas aos campeões. Foram estes os resultados:

SIMPLES — Campeão — Augusto Ribeiro (4.^a Cia.)
Vice-campeão — Prisco (2.^a Cia.)

DUPLAS — Campeões — Augusto e Augusto Ribeiro (4.^a Cia.)

Vice-campeões — Prisco e Frederico (2.^a Cia.)

VELA

A pouca atividade das flotilhas devido a dificuldades técnicas, refletiu no baixo rendimento da competição. Devido ao forte vento de proa não foi completado o percurso da regata, não contando pontos para o troféu.



CAÇA SUBMARINA

A baía de Angra é o paraíso dos caçadores submarinos. Águas sempre límpidas, de temperatura amena e fartos cardumes. Infelizmente no dia da competição os peixes não deram o ar de sua graça. Wanderley com um bellissimo sargo decidiu a competição em favor da 1.^a Cia. O segundo pôsto coube às três companhias restantes que empataram com o mesmo número de pontos.



RÚSTICA NATATORIA

Com o percurso de mil e quinhentos metros, que exige fôlego, calma e resistência, grande número de concorrentes animou a prova, realizada em ambiente de alegria e camaradagem.

Venceu com grande vantagem o aluno Cabral, seguindo-se Malheiros e Frederico, com os tempos de 25m 22s (1.^o) e 26m 13s (2.^o).

Por equipes venceu a 1.^a Cia. com 14 pontos, seguida da 3.^a Cia. com 11.



JOGOS DE SALÃO

Nos momentos de recreação pipocam as bolas de ténis de mesa. O ruído dos tacos, as eternas disputas pela obtenção de vagas na sinuca ou no bilhar, fazem do salão de recreio local preferido para as horas de lazer de grande parte do Corpo de Aíunos. Nêle foram disputados jogos válidos para o troféu, e que forneceram pontos preciosos à 1.^a Cia. Graças a êles a equipe da camisa azul distanciou-se a frente das demais e obteve o almejado troféu.

Eis os vencedores:

- SINUCA SIMPLES — Campeão — Augusto Ribeiro (1.^a Cia.)
 SINUCA DUPLAS — Campeões — Fonseca e Augusto Ribeiro (1.^a Cia.)
 BILHAR SIMPLES — Campeão — Augusto Ribeiro (1.^a Cia.)
 BILHAR DUPLAS — Campeões — Saboya e Hiram (4.^a Cia.)
 TÊNIS DE MESA SIMPLES — Campeão — Cavalcanti (4.^a Cia.)
 TÊNIS DE MESA DUPLAS — Campeões — Laércio e Nantes (1.^a Cia.)
 XADREZ — Campeão — Nantes (1.^a Cia.)
 GAMAO — Campeão — Barbosa (1.^a Cia.)
 DOMINÓ — Campeão — Melo (1.^a Cia.)
 DAMAS — Campeão — Dias (4.^a Cia.)

Finalmente chegou o mês de dezembro e com êle a decisão do Troféu. A reestruturação das companhias que modificou as equipes durante as competições, o estudo intensivo das disciplinas do Ensino Colegial (dor de cabeça para muitos), tomando grande parte de nosso tempo, o cansaço das manobras de infantaria e da ginástica calistênica, nada disso empanou o entusiasmo de atletas e torcidas.

Disputado palmo a palmo, com preponderância ora de uma, ora de outra companhia, o troféu chegou a sua parte derradeira. Venceu merecidamente a 1.^a Cia., sobrepujando nas três últimas competições suas mais ferrenhas adversárias: 2.^a e 3.^a Cias. Os comandados do CT Matta souberam aproveitar o momento exato e surpreenderam, quando tudo indicava a 3.^a Cia. como vencedora.

Congratulações aos campeões pelo mérito esportivo e disciplina.



*Uma escapada à rotina,
na perspectiva dos novos contatos,
da estranha e complexa vida do mar.
Nossas viagens foram curtas,
nosso rumo quase sempre o mesmo.
Entretanto sentimos novas sensações;
principalmente novas e interessantes.
Éramos marujos,
sempre atentos às fainas de bordo.*



reportagem
de
DIAS VIEIRA

PROA AO MAR



PROA AO MAR

Era uma manhã como tantas em Batista das Neves. O pátio interno, palco das mais vivas demonstrações, fervilhava em contentamento e ansiedade; eram passos nervosos, sem destino, um burburinho diferente, expectativa incontrolável. Embarcávamos.

São muitas as emoções que antecedem um embarque, e nós alunos olhávamos curiosos para o mar sombrio, que, calmo e indiferente, não participava da nossa agitação — graças a Deus!

Preparadas as companhias, largadas, muito a contragosto, as jponas e os apetrechos estimulantes, lá fomos nós em demanda aos contratorpedeiros.

"Veja lá se vai esquecer, me compra uma flâmula do Bocaina!"

"Primeiro o chaveiro ou a flâmula?"

A cabeça já estava aturdida por tantas encomendas, lembranças de última hora, ordens e recomendações. E que não é fácil ser marujo de primeira viagem. Alguém ao meu lado, ainda a bordo da lancha que nos levaria até o navio, em meio a uma onda e outra, enfiou rápido a mão nos bolsos e, respirando já com dificuldade, engoliu um comprimido contra enjôo. Virei rápido o rosto, mas não pude evitar a reação do estômago. Uma golfada de ar frio, se não melhorou por dentro, pelo menos enregelou por fora.

Ao pisar o convés, entrando pelo portalô de boreste, senti uma coisa boa dentro de mim, uma vaga mas imperecível sensação de orgulho, de ansiedade e de alegria. Me empurraram para frente e eu aprendi minha primeira lição de bordo: não se pára.

Levantamos ferros e o Colégio foi ficando para trás, bem para lá daquelas ilhas, sozinho no meio do mar, um pontinho no horizonte.

Subimos ao "Spardeck", local a nós destinado, onde nos ajeitamos e às nossas coisas, num misto de desprendimento e curiosidade. Visitamos quase todas as dependências de bordo detendo-nos nas partes de maior interesse, e aprendendo, pouco a pouco, as normas de navegação. Em cada canto, uma explicação; em cada explicação, uma barreira que desaparecia, mais um tomar de contato com a Marinha. Alguns mais perspicazes já haviam subido ao Tijupá, de onde o Comandante dava vida ao navio, e foram imediatamente crivados de perguntas. A muitas não conseguiram responder; também nem tudo se aprende em uma hora.

Já identificados com a força naval, voltamos para o rancho, reconfortante forma de se terminar uma instrução. Após o almoço, cada um se estendeu pelo seu canto, e toca a dormir ao sacolejo das ondas e ao sol do meio-dia — primeiras horas de mar.

No dia seguinte, seguiram-se os esclarecimentos e as primeiras manobras táticas, a fim de adestramento do pessoal, bem como instrução para nós. Foi uma interessante experiência vermos o lançamento de torpedos, um dos armamentos básicos dos CTs. A grande surpresa consistiu no alvo ter sido o navio mais próximo.

Os exercícios anti-aéreos vieram despertar alguns sonolentos que se estendiam pelas bordas. Foram demonstrações seguras da potência dos canhões e das metralhadoras de bordo, sempre prontas a fazerem estragos no inimigo comum.

Tomamos contato com todas as atividades, identificamo-nos com nossas preferências e de tudo aprendemos um pouco. E certo que aprendemos quase nada do muito que vimos, mas juntamos uma grande bagagem de conhecimentos náuticos.

Houve alguém — quem sabe não foi Julinho? — que não largou o CIC, transportando-se prazerosamente para o futuro.

"Você está meio amarelado. O quê que há?"

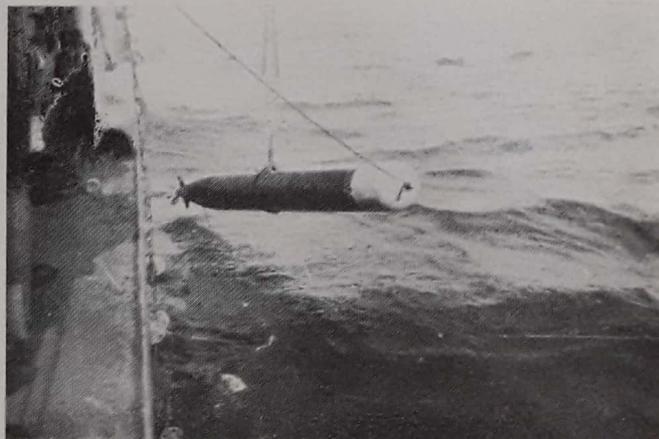
Eu? Deve ser o reflexo!"

E eis que o Recreio dos Bandeirantes vai surgindo por bom-bordo, estamos em casa! Mas nosso rumo é outro, ainda não será desta vez que entraremos na Guanabara. Invertemos o rumo e agora, já com o crepúsculo, vamos nos dirigindo para Angra dos Reis novamente, ancoradouro das saudades.

Nossa primeira viagem de adaptação. Simples, curta, mas que permanecerá para sempre em nossos corações; primeiro passo na direção do futuro.



• Bem cedo, e já deixávamos o Colégio para trás.



• Faixa de içar o torpedo, após o exercício.

Entardecer no mar, hora das águas tranquilas e do horizonte longínquo.





Na hora da valsa, a alegria estampada nos rostos dos novos aspirantes.



A grande animação foi a nota marcante de nosso Baile da Ancora.

Baile da Ancora

Reportagem de COTTA

Sentado a beira das plácidas águas contemplava a beleza do panorama que se descortinava a meus olhos. As luzes da avenida e dos carros que por ela transitavam velozmente, formavam contraste maravilhoso com o negrume das montanhas que circundam a calma e majestosa lagôa Rodrigo de Freitas. O céu, apinhado de estrêlas, era como dádiva divina à beleza da noite, presente da natureza ao nosso já tradicional BAILE DA ANCORA.

A meu lado passeavam pares enamorados, talvez aproveitando os caprichos da madrugada e o suave marulho das águas para trocarem juras de amor.

O Piraquê, todo engalanado, recebia copiosa multidão que se distribuía pelos dois salões, soberbamente animados pelos conjuntos de Moacyr Silva e d'Os Copacabana, ou então apreciava dos magníficos jardins do clube, tóda a majestade da linda noite do Dia de Reis.

A uma e meia da madrugada lotou-se o salão maior, onde os formandos e suas madrinhas dançaram a primeira valsa. Na segunda chegou a vez das namoradas e a seguir valsaram os novos aspirantes e seus convidados de honra.

Dá em diante o baile ganhou a sua maior animação, observando-se constantemente lotados os dois salões. Ao final, pouco a pouco os convivas iam deixando o clube e precisamente às quatro horas soaram os últimos acordes, dando por encerrado o nosso baile.

Noite de alegria que deixou muitas recordações.



PEQUENA HISTÓRIA DOS

— Sempre foi motivo de orgulho para a nossa revista publicar artigos desta natureza. Sentimos o valor destas contribuições para a divulgação de nossas coisas, para o maior conhecimento dos brasileiros sobre a Marinha de nossa terra, nem sempre bem conhecida nos rincões interiores do Brasil. E desta vez, é o orgulho de ser fuzileiro. O Tenente Vasconcellos aquiesceu de bom grado ao nosso pedido, para que escrevesse alguma coisa sobre o CFN. Procurou, de maneira concisa, juntar dados sobre a sua história presente e passada, subsídios para a história dos fuzileiros navais.

Esperamos que por este Brasil a fora, muita gente venha a conhecer um pouco das tradições e origens do Corpo de Fuzileiros Navais.

Por definição do regulamento, o CFN "é uma força de que dispõe a Marinha de Guerra para operar com as forças navais e demais Forças Armadas do país, em operações de caráter naval, com a responsabilidade principal no desenvolvimento da doutrina, da técnica e do material de operações anfíbias."

O Corpo de Fuzileiros Navais teve sua origem na Brigada Real de Marinha, criada em 1797 na cidade de Lisboa.

Conta-nos a história, que sua primeira ação em terras sulamericanas foi na expedição à Guiana Francesa, promovida pelo príncipe D. João, como represália ao assalto das hordas napoleônicas em Portugal. A esse tempo guarnecia a artilharia dos navios portugueses, tendo corrido ativamente para a rendição de Calena.

Proclamada a Independência, a Brigada recebeu, em 1822, a denominação de Batalhão de Artilharia da Marinha do Rio de Janeiro. Foi então que participou eficazmente no agitado período que se seguiu à Proclamação, colaborando na expulsão de tropas lusitanas e nas repulções contra a revolução de Pernambuco.

Alguns anos mais tarde, o Batalhão de Artilharia teve seu efetivo aumentado e passou a denominação de Imperial Brigada de Artilharia. Ainda nesta mesma época, com novo acréscimo no efetivo, foi organizado como Corpo de Artilharia da Marinha.



FUZILEIROS

1.º TEN. (CFN) LUIZ NAZARETH VASCONCELLOS DA SILVA

No ano de 1847, criou-se a Infantaria de Marinha, que veio substituir a denominação anterior, recebendo, ainda em 1847, o título de Corpo de Fuzileiros Navais.

Nas guerras de Cisplatina, os fuzileiros tomaram parte ativa em toda a campanha, embarcados nos diversos navios da Esquadra sob o comando de John Pascoe Greenfell. Efetuaram ainda desembarques e cooperaram com as forças do Exército, sob o comando do General Manoel Marques de Sousa.

Reestruturado em 1852, foi novamente denominado Batalhão Naval. Através de seus destacamentos embarcados, ao comando do Barão de Tamandaré, participou dos combates e das frentes de batalha.

Na guerra do Paraguay, de tantas glórias para a Marinha, participou com todo o efetivo da longa e cruenta luta contra Solano Lopez. Fracionados em destacamentos, a bordo dos navios em operações, efetuaram os desembarques nas ilhas e margens dos rios Paraná e Paraguay, com os mais diversos propósitos, quer em ações isoladas, quer em estreita cooperação com as forças de terra.

Tendo aderido à revolta da Armada em 1895, ficou praticamente extinto pela deserção de todo o seu pessoal. Por decreto do mesmo ano, foi criado então o Corpo de Infantaria da Marinha.

Foi, entretanto, muito recentemente, no ano de 1932, que o Corpo de Fuzileiros Navais teve sua moderna reestruturação. Organizado nos moldes de uma grande unidade do Exército, com as adaptações necessárias às suas finalidades e ao meio naval.

Os fuzileiros acham-se espalhados por todo o território brasileiro, de norte a sul. No estado da Guanabara possuem, além do Comando Geral e do Quartel General, o Campo da Ilha do Governador com o Centro de Instrução, Centro de Recrutamento, e contando ainda na Ilha das Cobras, com o Quartel Central. Possuem um Batalhão Regional sediado em Recife, um Grupamento Regional em Uruguaiana, e mais quatro Companhias Regionais sediadas, respectivamente em, Ladário, Belém, Natal e Salvador. Numerosos destacamentos de segurança estão situados em localidades brasileiras e de fronteira.

Há quatro anos atrás foi criada a Força de Fuzileiros da Esquadra. Esta força, organizada como núcleo da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, tropa de reforço e um Comando de Serviços, é a tropa realmente capaz de satisfazer as exigências do Regulamento, que prescreve operar:

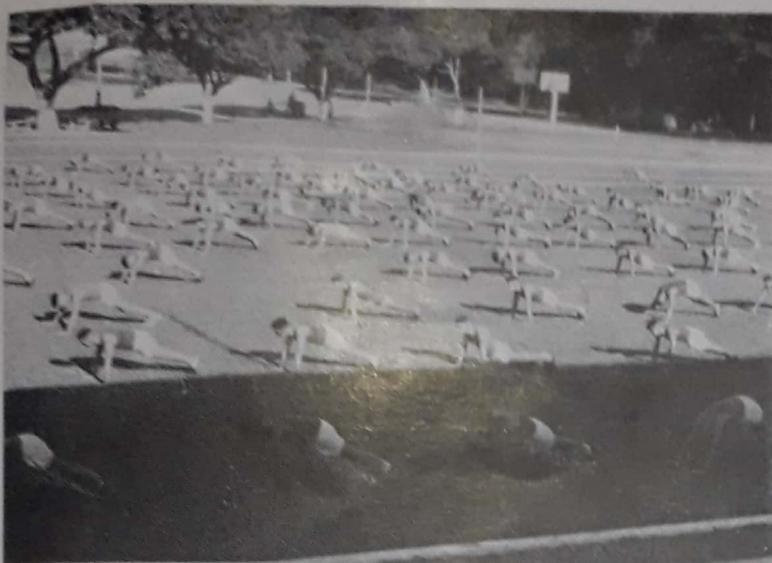
“Com a responsabilidade principal no desenvolvimento da doutrina, da técnica e do material de operações anfíbias”.



*Fim de ano...
Tudo se reveste de novo aspeto;
Vemos as coisas como se não as conhecêssemos...
Aqueias flôres num canto do pátio,
O morro furando o anil profundo acima de nós;
Bôlhas verdes nas vagas morosas,
São ilhas; escuras, são pedras, são ondas
Devorando o tempo em busca de vida.
Vida nova também...
Há um quê de cansaço por tudo:
Nas faces, nas coisas, no morro,
No mar...
Azul o céu, nuvens torcidas... Lembram sonhos
Perdidos no tempo, no ar...
O vento as afasta; quer o azul puro.
Livre,
É em vão.
Na ponte um barco
Espera, cinzento, que o dia termine
Para sonhar também...
Salas abertas, abrigam o nada...
Malas prontas; um livro esquecido, um lapis.
Silêncio nas alamedas, nas árvores... Parecem eternas,
Imóveis que são.
Alguém na varanda, incerto talvez;
Um rádio distante... O Rio amanhã...
Fim de ano... Ideal à vista... Saudades
Quentes como as tardes passadas no mar.
Um último olhar, cansado, às coisas... Estão diferentes
Adormecidas num canto do pátio, entre as ilhas...
O mar repousa,
Liso de ondas, cheios de promessas a nós,
Jovens, que o vamos buscar!*

DALTON CONDE DE ALENÇAR

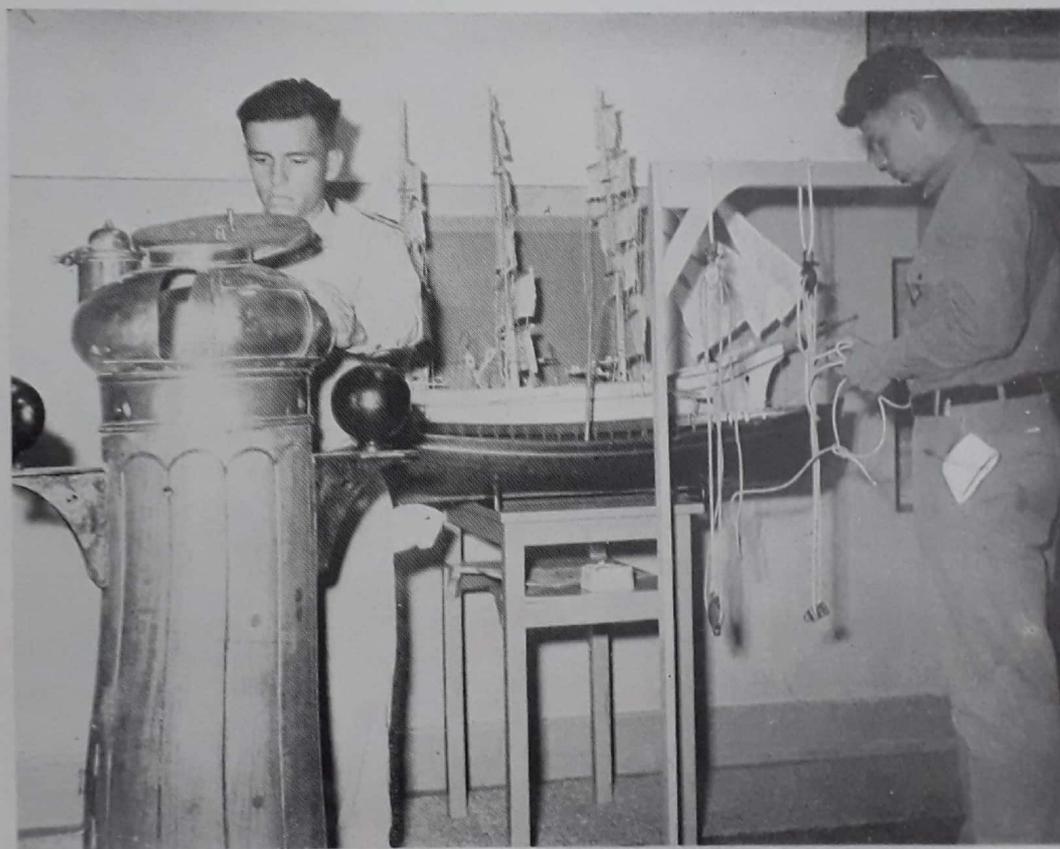




A calistênica prepara o corpo para as provas finais.

★ ÚLTIMOS DIAS DE ROTINA

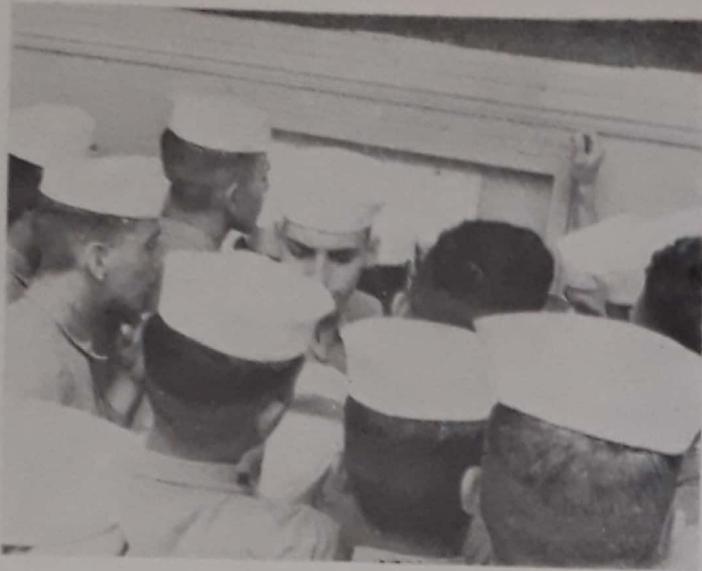
O fim do ano vem chegando silencioso, maroto no ar e nas fisionomias. Estas, já um pouco cansadas, mas não menos jovens nem menos alegres, vão se iluminando ante a perspectiva das férias. As malas, pesadas malas empoeiradas, vão aos poucos, sem muito alarde, sendo descidas dos armários. O pessoal vai preparando o espírito, saboreando as tão desejadas férias finais. Mas estas não vêm assim não. Antes delas tem o temido "festival", ceifador de horas folgadas, de férias, e de malandragem.



A sempre interessante sala de Marinharia.

Últimas alvoradas, últimos reunir, últimas ordem-unidas. E como custaram a ser últimas! E bem verdade que o tempo aqui passa rápido, mas aquelas serão sempre contadas nos dedos.

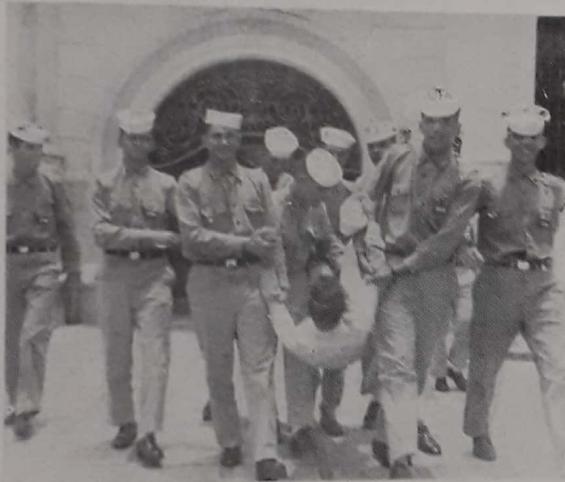
O ambiente das provas vai vindo de mansinho; últimas aulas de marinharia, últimas calistênicas, pátios vazios.



Se passou na "tangente"...

★ PROVAS FINAIS

Por mais que a gente não queira, elas acabam chegando. Então é o fim de tudo. Não se vai mais ao cinema, nem à praia, nem ao futebol. Todos os esforços utilizados na arrancada final, porque depois da vitória é compensador. Fisionomias mal dormidas, livros e rascunhos aos quatro cantos. Época de provas finais...



... não adianta apelar: vai para a água!

★ BACALHAU

A nota mínima que nos é permitido tirar na final é quatro. Uns tiram até demais, e outros há também, mais modestos, que ficam no quatro somente. A estes, segundo reza a tradição, está reservado um banho de mar ao bom estilo da casa. Cinco ou seis agarram-no como está, e ele esperneia — mas os executantes estão prevenidos. Aos trancos e barrancos vão levando o felizardo para a ponte, esta que fica em frente ao Colégio. Lá, após um pequeno cerimonial e sem ouvir os pedidos ou ameaças, remetem-no para a água: bacalhau!



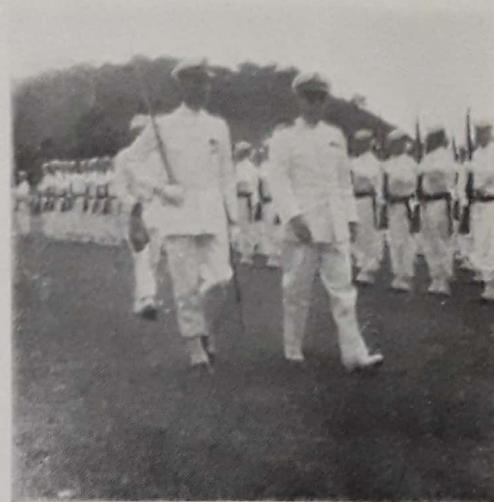
Depois do cerimonial, finalmente a vítima é atirada da ponte abaixo



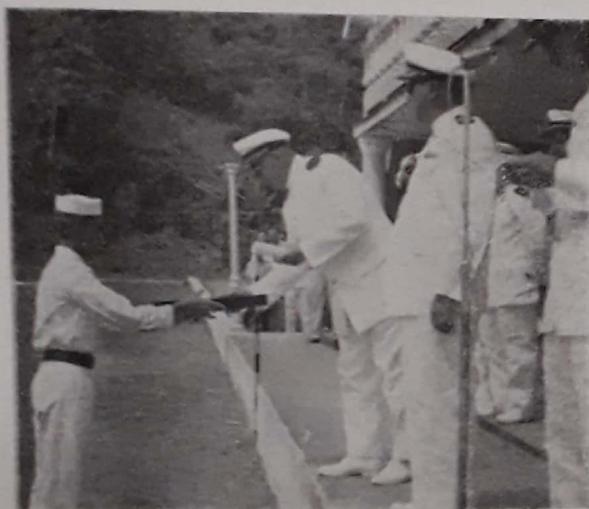
★ ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO

No último dia do ano letivo, passadas tôdas as provas, encerradas tôdas as atividades, dá-se a finalização oficial, com entrega de prêmios e desfile.

O dia dezesseis de dezembro estava radiante, sol bellissimo iluminando a enseada de Batista das Neves. O Corpo de Alunos deslocando-se do pátio interno, dirigiu-se ao Campo de Esportes, onde o Sr. Diretor fêz a entrega dos prêmios, para em seguida desfilar na última cerimônia militar do ano.



O Sr. Diretor passando em revista o Corpo de Alunos formado no campo de esportes.



Chaddad recebendo o prêmio "Almirante Saldanha" concedido ao aluno de melhor conduta e conceito militar da turma que concluiu o curso.



Adilson no instante em que recebia o prêmio "Colégio Naval", concedido à maior média das materias de Ensino Colegial durante o curso.



Fonseca, o melhor desportista, ao receber das mãos do CT Paulo Martins o Premio Olympico.



Júlio César recebendo o prêmio "Rui Barbosa": melhor aluno de linguas estrangeiras.

de repente, não mais que de repente...

DIAS VIEIRA

... um ar estranho a atravessar a ponte ...



Foi tão rápido, um piscar de olhos, e eis largando espuma, esteira branca no verde da onda, o "Rio das Contas" se afastando da ponte. A gente se agita, quer sorrir, mas é difícil — o melhor então é deixar a vista vagar da Taperinha à Guarita, num último relance, num repentino e demorado adeus. E aquelas minúsculas coisas, velhas conhecidas, parecem se reunir de súbito, e investir contra nossos olhos, um tanto pestanejantes.

Aquela gente de branco, pontos brancos que vão ficando para trás, no espaço e no tempo, a acenar alegre de lá, e a música suave da saudade a invadir os corações. Moços corações a pedir bis eternamente, a palpitar descontrolados de um ponto a outro da enseada.

Dois anos lá se foram, Colégio Naval, e nós já te vemos desaparecer por detrás da Francisca. Foram dois anos de nossa vida, que passaram tão rápidos; nós que tão bem te conhecemos, será difícil de esquecer. Não adianta andar dizendo "até que enfim!" por aí afora, quando bem lá no íntimo, lá onde se escondem os verdadeiros sentimentos, nós te reservamos um lugar à direita.

Os pátios vazios, as salas vazias, até o Grêmio está fechado. E que todos se foram, e levaram com eles a animação da mocidade — e te deixaram ao léu.

Apenas, aqui e ali, algum vestígio ainda daqueles que te tripularam: papéis jogados, um livro, dois mesclas e um sapato.

O silêncio voltou aos pátios, dominando-te as entranhas, e tu nada podes fazer senão recordar, como nós também, dois anos que mais pareceram duas horas.

Teque de saudade



O destino do Brasil começa no mar,
e estará sempre no mar.

